

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

KELVIN JORGE BERRÊDO SOUSA

O PRESIDENTE NEGRO:
A síntese do pensamento racial de Monteiro Lobato

São Luís
2020

KELVIN JORGE BERRÊDO SOUSA

O PRESIDENTE NEGRO:

A síntese do pensamento racial de Monteiro Lobato

Monografia apresentada como requisito para
conclusão da graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Couceiro

São Luís
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Berrêdo Sousa, Kelvin Jorge.

O PRESIDENTE NEGRO : A SÍNTESE DO PESAMENTO RACIAL DE
MONTEIRO LOBATO / Kelvin Jorge Berrêdo Sousa. - 2020.

57 p.

Orientador(a): Luiz Alberto Alves Couceiro.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Choque das Raças. 2. Eugenia. 3. Monteiro Lobato.
4. O Presidente Negro. 5. Racismo. I. Alves Couceiro,
Luiz Alberto. II. Título.

KELVIN JORGE BERRÊDO SOUSA

O PRESIDENTE NEGRO:

A síntese do pensamento racial de Monteiro Lobato

Monografia apresentada como requisito para
conclusão da graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Maranhão.
Orientador: Prof^o. Dr. Luiz Alberto Couceiro

Aprovada em 10/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof^o.Dr. Luiz Alberto Couceiro

Prof^a.Dra. Júlia Vilaça Goyatá

Prof^a.Dra. Rejane Valvano Corrêa da Silva

Agradecimentos

Esses agradecimentos é umas das últimas coisas que estou fazendo antes de finalizar a monografia e confesso que quando ingressei para cursar Ciências Sociais na Universidade Federal do Maranhão em 2015 não passava na minha cabeça que esse momento chegaria. Foi um período de bastante aprendizado e amadurecimento e definitivamente termino essa graduação uma pessoa melhor do que entrei. Cada pessoa que tive contato, pude aprender um pouco com diferentes idades, origens, orientação sexual. Conviver com a diversidade foi umas das grandes experiências que a universidade pode me proporcionar.

Também não poderia deixar de agradecer a minha família, especialmente meus pais Jair e Kátia Berrêdo e minha irmã Kathillen por todo o apoio dado durante toda a minha vida. Por desde de cedo me ensinarem o valor da educação e ter me dado suporte para que pudesse me dedicar integralmente aos estudos e me deram a oportunidade para que pudesse me mudar para São Luís para que concluísse o ensino médio, fizesse pré-vestibular e conseguisse ingressar em uma universidade pública. Várias pessoas foram muito importantes nessa caminhada, então fica bem complicado citações nominais. Agradeço a todos os professores e colegas que durante todos esses anos até desde que entrei muito pequeno na escolinha Rei Davi, depois Centro de Ensino Leão Santos onde fiquei bastante tempo e também Colégio Militar Tiradentes e S.O.S Pré-Vestibulares do SESC Deodoro onde foram passagens rápidas de um ano, mas muito intensas e marcantes.

Como esse trabalho é uma conclusão de curso não tenho como deixar de expressar minha gratidão ao corpo docente do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA, como já disse no começo foi um período de grande aprendizado, por mais que coloque palavras aqui tem coisas que não se fazem inteligíveis por meio delas. Desde de os primeiros dias sempre foi falado que um grupo de estudos agregaria muito na graduação e o Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais onde passei pelas tutorias das professoras Madian Frazão, Marilande Martins e Camila Sampaio onde pude experimentar de uma forma diferente o ensino, pesquisa e extensão.

Por último, mas não menos importante agradecer ao meu orientador professor Luiz Couceiro por todo suporte dado na construção desse trabalho, e direcionar as confusas linhas dos tempos dignos da franquia *Mortal Kombat* e por ter aceito a orientação mesmo a distância no período do seu pós-doutorado e ter se mantido sempre acessível nesse período. E as professoras Julia Goyatá e Rejane Valvano que se despuseram a avaliar esse trabalho e com certeza vão contribuir bastante para que ele evolua.

RESUMO

Essa monografia tem como base a obra “O Presidente Negro” de autoria de Monteiro Lobato que foi escrita em 1926, onde é construída uma etnografia através de um documento literário. Em conjunto com outros autores vou explorando esse universo social, passando brevemente pela vida do autor, as teorias raciais que circulavam pelo mundo, o contexto de época no Brasil no final do século XIX início do XX. Tem como objetivo além de apontar o racismo na trama na medida que seu enredo vai se desenvolvendo. Fazendo contrapontos com autores que versam sobre o tema. Por fim faço uma análise dos personagens principais e o que eles representam na trama.

Palavras-chaves: O Presidente Negro; Choque das Raças; Monteiro Lobato; Eugenia; Racismo.

ABSTRACT

This monograph is based on the work “O Presidente Negro” by Monteiro Lobato, written in 1926, where an ethnography is constructed through a literary document. Together with other authors, I explore this social universe, briefly going through the author's life, the racial theories that circulated around the world, the context of the time in Brazil at the end of the 19th century and the beginning of the 20th. It also aims to point out the racism in the plot as its plot develops. Making counterpoints with authors dealing with the topic. Finally I do an analysis of the main characters and what they represent in the plot.

Keywords: The Black President; Shock of the Races; Monteiro Lobato; Eugenics; Racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O HOMEM E SEU TEMPO	10
1.1. SEU TEMPO.....	10
1.2. O HOMEM.....	18
2. O FUTURO PINTADO POR LOBATO.....	23
2.1. O INÍCIO.....	23
2.2. A GRANDE DESCOBERTA.....	26
2.3. UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE AMERICANA.....	28
2.4. FUTURO, CHOQUE DAS RAÇAS E EUGENISMO.....	31
2.5. A SOLUÇÃO NEGRA E A SOLUÇÃO BRANCA	32
2.6. O LÍDER NEGRO JIM ROY E AS ELEIÇÕES.....	35
2.7. RECONCILIAÇÃO.....	38
2.8 – A CONVENÇÃO BRANCA.....	40
2.9 – EFEITOS COLATERAIS.....	43
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
4. REFERÊNCIAS	53

Introdução

Esse trabalho nasceu de uma curiosidade, existe um ditado popular que diz que nunca devemos julgar um livro pela capa, bom, não foi exatamente pela capa, mas certamente um livro intitulado “O Presidente Negro” de um autor tão conhecido como Monteiro Lobato certamente chama atenção de um acadêmico de Ciências Sociais. Aproveitei-me das férias para iniciar as leituras, nesse mesmo período tive a oportunidade de me matricular na disciplina optativa chamada Etnohistória ministrada pelo professor Luiz Couceiro com quem tinha feito uma cadeira no período anterior, já conhecimento de seus métodos de avaliação, então utilizei o livro como base pra obtenção de nota na disciplina, e a partir desse trabalho onde tive a oportunidade desenvolver as primeiras ideias e pude prosseguir com o Luiz como meu orientador para essa monografia. Que surgiu justamente desse incomodo de uma obra com um aspecto tão racista não ser acionada quando entra em voga a polêmica do racismo em suas obras.

Meu principal objetivo não é colocar em questão se Monteiro Lobato era ou não racista, sua escritos falam por si. Partindo desse princípio foco em apresentar como é desenvolvido esses aspectos raciais que são desenvolvidos no romance. Entrando na questão mais metodológica, construir o primeiro capítulo que se intitula “O homem e seu tempo” que abrange dois momentos, o tópico intitulado “seu tempo” vai desenvolver o contexto histórico do Brasil do início do século XX, que era envolto com um cenário abolicionista recente, tinha uma vasta circulação de teorias raciais que visavam lidar com esse novo momento que era o negro livre na sociedade brasileira. E o papel que as faculdades de Direito e Medicina tiveram nessas produções. No segundo tópico chamado “o homem” faço uma breve biografia de Monteiro Lobato com o objetivo de fazer ligações que ajudem a explicar a construção de seu pensamento racial.

No segundo capítulo adentro a obra “O Presidente Negro”, na construção dessa parte achei interessante trazer o máximo possível da obra com bastante citações, principalmente quando se tratam de aspectos raciais, que são a base do romance. À medida que o enredo vai sendo desenvolvido e o racismo vai se tornando mais presente na trama, vou acionando conceitos/autores que versam sobre o que está sendo colocado.

Nas considerações finais faço uma análise das construções de personagens chaves na trama e como cada um deles representa uma peça nesse tabuleiro racial que é jogado na trama. Como esses personagens se desenvolvem para dar o desfecho escolhido pelo autor. E acabo colocando em discussão a forma como é tratado o caráter racista de Monteiro Lobato por boa parte da mídia que por sua vez acaba tendo grande influência na formação da opinião pública.

1 – O HOMEM E SEU TEMPO

1.1 – Seu Tempo

Para construir esse primeiro capítulo procurei buscar subsídios para contribuir em um desenvolvimento de um trabalho antropológico não tão estabelecido que é a etnografia através de documentos (COUCEIRO, 2016) (GONÇALVES DA SILVA, 2016) (BENZAQUEN DE ARAÚJO; VIVEIROS DE CASTRO, 1977) (VIANNA, 2014). Posteriormente fiz leituras sobre a biografia do autor (BOURDIEU, 1986 [1996]). Primeiramente foquei no contexto da época no Brasil, principalmente no início do século XX, onde Monteiro Lobato começou a produzir de fato, no qual circulavam diversas teorias raciais que visavam dar conta desse novo contexto pós-abolição (SCHWARCZ, 1996) (ARENDRT, 1949). Dando ênfase nas faculdades de Direito e Medicina que tiveram protagonismo nessas produções. Por fim, estabeleço um paralelo entre a questão racial nos E.U.A e no Brasil. Como foi lidado a questão da abolição, principalmente dando enfoque na política de segregação americana e da mestiçagem brasileira resultaram em percepções diferentes (FRY, 2001) (SEYFERTH, 2000). Como a linguagem (KEMPLERER, 1947) tem um papel muito importante para construção de ideologias e de estereótipos raciais. No segundo momento utilizando-me de uma homenagem feita a Monteiro Lobato na “Revista Fundamentos”, fundada pelo escritor, farei um breve resumo da sua vida (NEVES, 1948) destacando perspectivas que vão contribuir para uma construção da sua linha de pensamento, principalmente nos aspectos raciais, que vão dá um melhor entendimento na análise do seu romance “O Presidente Negro” (1926).

Na obra *Usos e Abusos da Mestiçagem e da Raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX* (1996) a autora Lilia K. Moritz Schwarcz tem como objetivo fazer um balanço das teorias raciais que tiveram um grande aporte no século XIX e como tiveram uma grande penetração no cenário acadêmico brasileiro. Em um primeiro momento se atém como tópico principal a questão da globalização como sendo uma grande utopia quando entendida como forma de união mundial, apesar da grande troca de informações acaba por ganhar um sentido distinto do que é tida pelo senso comum, e acabou lançando à tona o “fenômeno das diferenças” que tem como face mais vil o racismo. A partir disso a autora se debruça sobre esse contexto brasileiro analisando principalmente esse “racismo cordial”, termo cunhado por Florestan Fernandes, aqui existente, tendo como foco principal a miscigenação, discussão que vai ser retomada posteriormente:

É, portanto, no mínimo oportuno repensar a especificidade do racismo existente no Brasil. Não basta, porém, apenas anunciar ou delatar, é preciso um esforço de compreensão das particularidades desse “racismo cordial”, dessa modalidade mais específica de relacionamento racial conhecida, na oportuna expressão de Florestan

Fernandes, como um preconceito retroativo: “um preconceito de ter preconceito”. (SCHWARCZ, 1996, p.78)

Tomando como base o Dicionário Crítico de Migrações Internacionais (2017), utilizando-me do verbete “racismo” elaborado por Joseph Handerson, a origem do termo “raça” surgiu na Zoologia e na Botânica, área das Ciências Naturais, com efeito de classificação e diferenciação entre animais e vegetais. A partir de meados do século XVII a categoria “raça” começou a ser utilizada para distinguir os seres humanos por características fenotípicas, uma das obras mais notória desse período se intitula “Ensaio sobre as desigualdades das raças humanas” (1853-1855) escrita pelo francês Joseph Artur de Gobineau (1816-1882) elabora uma hierarquia das raças, que foram divididas entre: branca, amarela e negra, ambas com inteligência, aptidões distintas e com os brancos no topo dessa hierarquia.

Apenas na segunda metade do século XIX essas teses que defendem as hierarquias das raças começam a ser combatidas. Em 1885 o haitiano Anténor Firmin (1850-1911) publica a obra “Da Igualdade das Raças Humanas: uma Antropologia Positiva” sendo uma das primeiras antíteses da obra de Gobineau, na qual analisava a Revolução Haitiana que em 1804 consegue sua libertação e independência do Haiti, se tornando a primeira república negra no mundo.

Retomando a obra de Schwarcz, o que passa a ser discutido é a relação estabelecida entre o “Velho” e o “Novo” mundo e como relações etnocêntricas se tornam protagonistas nesse momento. A partir do século XVIII a questão das diferenças entre as populações tem duas análises distintas sobre os teóricos da época. A primeira é um desdobramento iluminista com base no pensamento do Jean Jacques Rousseau (1712-1778) e sua obra o “Discurso sobre a origem e fundamento da desigualdade entre homens” (1775) que é pautada na perfectibilidade humana. A segunda era constituída de maneira oposta, passa a ter uma visão bem pejorativa sobre esses homens da América, defendiam que eles estavam em um patamar inferior no estágio evolutivo. Nomes como Alexailder von Humboldt (1769-1859), Conde de Buffon (1707-1788), Corneille de Pauw (1739-1799), J. Baptiste von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich P. von Martius (1794-1868) escreviam como esses “novos” indivíduos eram incapazes de civilidade, “debilidade” ou “imaturidade” dessa sociedade ou mesma “retardo” e “infantilidade”. Sobre de Pauw:

Esse autor introduziu um novo termo, ao utilizar a noção de "degeneração" para designar o novo continente e suas gentes. Assolados por uma incrível preguiça e pela falta de sensibilidade, instintos e fraqueza mental, esses homens seriam "bestas" decaídas, muito longe de qualquer possibilidade de perfectibilidade ou de civilização. (SCHWARCZ, 1996, p.81)

Com a gênese da ciência positiva que buscava se fortalecer e na trilha da obra *A Origem das Espécies* (1859) de Charles Darwin (1809-1882) surge na Antropologia nascente os

“Evolucionistas Sociais”, capitaneados por teóricos como Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward B. Tylor (1832-1917) e James Frazier (1854-1941) defendem que a sociedade humana se desenvolvia de forma crescente, com estágios evolutivos distintos, que passavam da selvageria até a civilidade. Porém, esses ainda eram pautados por esse ideal de Rousseau de humanidade única. Do outro lado surgem os “Deterministas Sociais” ou “Darwinistas Sociais” como Arthur de Gobineu (1816-1882) e G. Le Bon (1841-1931) que defendiam que as raças tinham características inatas assim como diferentes espécies de animais. Dentro desse espectro de pensamento há duas vertentes, os deterministas geográficos, tinham como premissa que fatores como ventos, tipos de solo, fauna e outras ordens de fatores geográficos determinavam o futuro de uma civilização. O segundo e mais influente foram os deterministas raciais que tinham como principal foco a celebração da “pureza racial” e em contraposição a condenação da miscigenação como sinônimo de uma degeneração racial e social, o foco deixava de ser o indivíduo e torna-se o grupo que carregaria as características físicas e morais específica de cada raça.

Longe do princípio da igualdade, pensadores como Gobineau (1853), Le Bon (1894) e Kid (1875) acreditavam que as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento por princípio entendido como um erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de "tipos puros" e compreender a miscigenação como sinônimo de degeneração, não só racial como social. (SCHWARCZ, 1996, p.85)

Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, num "ideal político", um diagnóstico sobre a submissão ou possível eliminação das "raças inferiores", que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social - "a eugenia" -, cuja meta era intervir na reprodução das populações. O termo "eugenia"- eu: boa; genus: geração, criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, lidava com a ideia de que a capacidade humana estava exclusivamente ligada a hereditariedade e pouco devia a educação. (SCHWARCZ, 1996, p.85)

A partir dessas produções é buscado compreender como são apropriadas pelo país que já tinha um processo de miscigenação bem avançado. Em 1888 a escravidão foi formalmente abolida no Brasil. No mesmo ano já eclodia uma vasta produção de cunho racista que visava lidar com esse fato novo que era o negro recém liberto, dentre elas a que mais se destaca é a do médico baiano Nina Rodrigues (1862-1906), que defendia em um artigo de 1894 intitulado “As raças humanas e a reponsabilidade penal no Brasil” que os homens não nasciam iguais, por isso a igualdade jurídica seria uma medida falaciosa, logo, para se fazer justiça seria necessário a criação de um código penal distinto para brancos e negros de acordo com o grau de evolução de cada raça. Também havia na época uma grande tendência a traduções a autores da escola “darwinista social” principalmente daqueles que defendiam a miscigenação como causa da degradação do homem. É interessante notar como a questão racial se tornou a peça chave para se traçar uma perspectiva futura para o Brasil.

Nesse contexto Schwarcz faz uma análise de como esses ideais se engendram nas instituições brasileiras, principalmente nas academias de Direito e Medicina. Nessa época existiam duas faculdades de Direito no Brasil, uma em São Paulo e outra em Recife, cada uma tinha um foco distinto, a primeira mais voltada para um modelo político liberal, enquanto a outra voltada mais para o âmbito racial, tendo o darwinismo social e a escola evolucionista como principais aportes teóricos. Na escola recifense Silvio Romero foi um dos principais destaques, assumindo a mestiçagem brasileira como marca, via nesse reconhecimento um primeiro passo para o combate a esse mau. Pautado no darwinismo, acreditava que a população embranqueceria com uma migração contratante de elementos europeus na sociedade brasileira. “A uma desigualdade original, brotada do laboratório da natureza, aonde a distinção e a diferença entre as raças aparecem como fatos primordiais, frente ao apelo da avançada etnografia não há como deixar de concluir que os homens nascem e são diferentes” (ROMERO *apud* SCHWARCZ, 1996, p.91). Apesar de que Pernambuco foi o principal polo produtor de teorias sobre a mestiçagem, foi à cidade de São Paulo que essas ideias foram postas em práticas, principalmente com a importação de mão de obra europeia em prol de um paulatino branqueamento e adoção de políticas restritivas para os ingressos de africanos e orientais.

Já na medicina também tinha dois polos distintos, no Rio de Janeiro teve enfoque na doença, voltando-se as epidemias que assolavam o país, enquanto na Bahia as atenções foram voltadas para o “doente”, com estudos voltados a criminologia e alienação. A partir desses estudos, como o citado anteriormente através dos argumentos de Nina Rodrigues, começam a questionar o Código Penal e a igualdade entre as raças que nele constava. Partindo com base na medicina legal, com fortes influência da escola italiana de Cesare Lombroso, atribuía a criminalidade a fatores físicos e hereditários em “O Homem Delinquente” de 1876. Liderados por Rodrigues o mestiço vira foco das mazelas físicas e morais que assolavam o país.

Os exemplos de embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade passavam a comprovar os modelos darwinistas sociais em sua condenação do cruzamento, em sua alerta a "imperfeição da hereditariedade mista". Sinistra originalidade encontrada pelos peritos baianos, o "enfraquecimento da raça" permitia não só a exaltação de uma especificidade da pesquisa nacional, como uma do grupo profissional. (SCHWARCZ, 1996, p.92)

No Rio de Janeiro a abordagem médica era de forma diferente, em um primeiro momento às pesquisas se baseavam na questão da higiene pública como forma de lidar com a grande epidemia de doenças que assolavam a cidade. Depois de um combate bem sucedido a febre amarela, por volta de 1906, os médicos saíram bem fortalecidos, tendo assim liberdade para empregar seus métodos. Por usar dessa autoridade para impor suas visões de maneira autoritária até em ambientes privados esse período acabou ficando conhecido de maneira

informal como “ditadura sanitária”. Se tinha como grandes vetores dessas doenças tropicais o continente africano. Por conta disso o próximo passo seria a implementação da eugenia. A seguir trago uma citação do médico Renato Kehl (1889-1974), um dos principais expoente da eugenia no Brasil do século XX, um dos quais é dedicado o livro “O Presidente Negro” (1926) e dá um suporte importante para a compreensão dessa “ditadura sanitária”:

Si fosse possível dar um balanço em nossa população, entre os que produzem, que impulsionam a roda do progresso de um lado e de outro os parasitas, os indigentes, criminosos e doentes que nada fazem, que estão nas prisões, nos hospitais e nos asyls, os mendigos que perambulam pelas ruas ... os amoraes, os loucos, a prole de gente inútil que vive do jogo, do vício, da libertinagem, da trapaça ... A porcentagem desses ultimos é verdadeiramente apavorante ... Os médicos e eugenistas convencidos dessa triste realidade procuram a solução para esse problema e de como evitar esse processo de degeneração... é preciso evitar a proliferação desses doentes, incapazes e loucos... Após a guerra as epidemias as reformas médico sociais e eugênica entram em efervescência ... Com esses exemplos chego à conclusão eugenica: a esterilização fará desaparecer os elementos cacoplatos da especie humana, ou melhor a sua proporção será reduzida. (KEHL *apud* SCHWARCZ, 1996, p.95)

Todo esse contexto de construção de conhecimentos que visam dá a mestiçagem como gênese de diversos problemas na constituição da sociedade brasileira vão em congruência, dando suporte e legitimidade um ao outro, como podemos ver na academia de direito e medicina. Com isso é importante observar como a “teoria das diferenças” transforma indivíduos que já habitavam o país em estrangeiros novamente, esse tipo de discurso protelou o debate que deveria ter existido desde a proclamação da república. A miscigenação passou de martírio a marca, se tornando a principal identidade nacional de certa forma como em um “passe de mágica” atropelando os séculos de escravidão e os impactos socioeconômicos gerados por ele. A seguir Schwarcz trás reflexos dessa política:

Trata-se, portanto, de um racismo mestiço e ‘cordial’, cuja especificidade deve ser perseguida mesmo que por contraste e comparação. Quais seriam as diferenças entre a manifestação evidente de racismo – de parte a parte – existente nos E.U.A., e a modalidade retroativa de preconceito – esse preconceito de ter preconceito – imperante no Brasil? Como dialogar com uma população negra que, muitas vezes, nega sua cor, nega sua cor e que vê no branqueamento uma espécie de solução? De que maneira lidar com os resultados de uma pesquisa que revela enquanto 98% da população nega ter preconceito, 99% afirma conhecer pessoas que têm preconceito e, mais que isso, demonstram possuir uma relação próxima com elas? Com efeito, visto dessa ótica cada brasileiro parece se auto-representar como uma ‘ilha de democracia racial’ cercada de racistas por todos os lados. (SCHWARCZ, 1996, p.100)

Esse panorama feito por Schwarcz sobre as correntes raciais que circulavam na Europa. Como foram utilizadas principalmente pela academia de Direito e Medicina para lidar com um novo cenário pós-abolição da escravatura no Brasil. Esse percurso é importante para

compreender grande parte das teorias que influenciaram Monteiro Lobato como acadêmico de direito nos primeiros anos do século XX, de qual maneira essas teorias ajudaram o autor a construir um futuro com um iminente conflito e a solução final para esse dilema na América.

Hannah Arendt na sua obra “A Origem do Totalitarismo” mais especificamente no segundo capítulo intitulado “O Pensamento Racial Antes do Racismo”, é colocado que a ideologia racial surgiu bem antes do regime nazista, durante a década de 1930, a possibilidade da instauração desse tipo de regime só foi possível na Alemanha porque esse tipo de pensamento com fortes raízes no século XVIII e consolidação nos séculos posteriores já era legitimado pela opinião pública de outros países e serviu como base também para políticas imperialistas. A instauração dessa corrente de pensamento se deu em disputa com várias outras durante o período de afirmação no âmbito liberalista e se instaura como uma das principais ideologias junto com a luta entre classes.

Até o período da “corrida para África”, o pensamento racista competia com muitas idéias livremente expressas que, dentro do ambiente geral do liberalismo, disputavam entre si a aceitação da opinião pública. Somente algumas delas chegaram a torna-se ideologias plenamente desenvolvidas, isto é, sistemas baseados numa única opinião suficientemente forte para atrair e persuadir um grupo de pessoas e bastante ampla para orientá-las nas experiências e situações da vida moderna. Pois a ideologia se difere da simples opinião na medida em que se pretende se detentora da chave da história, e em que julga poder apresentar a solução dos “enigmas do universo” e dominar o conhecimento íntimo das leis universais “ocultas”, que supostamente regem a natureza e o homem. (ARENDR, 1998 [1963], p.189):

É interessante observar como o racismo veio sendo construído como uma ideologia, principalmente sendo utilizado como uma arma política, sobretudo por pauta-se por desejos que estão no âmago de determinada sociedade. A questão teórica/científica fica em segundo plano servindo mais como um aporte para as questões políticas. Um paradoxo que é apontado pela autora seria a colocação do racismo ligado a um tipo de nacionalismo extremo. Porém, é justamente ao contrário, seria um movimento “a-nacional” por negarem princípios como igualdade, liberdade e solidariedade, acabam destruindo as estruturas de uma nação, transformando boa partes dos seus em estrangeiros.

Esse tipo de teoria surgiu na França baseado em teorias do “direito da força” do século XII, o conde Henri de Boulainvillers (1658-1722) adepto da monarquia defendia que a nobreza possuía uma origem distinta, uma raiz germânica, onde teriam um direito superior pela conquista e dominação dos povos que ali estavam. Embora se referindo a pessoas e não raças,

essa distinção foi muito influente no pensamento que viria a ser construído no século XIX. E acabou sendo influência também do Conde Gobineau que já foi citado aqui.

Enquanto na França o pensamento racial teve o intuito de distinguir, na Alemanha o sentindo foi de uma tentativa de integração depois da derrota da Prússia para o exército de Napoleão Bonaparte. Na Inglaterra e na América foi pautado mais no contexto de herança, que viria a se desdobrar depois na eugenia. É interessante observar que as duas grandes ideologias que travam batalha para a explicação de mundo se complementam. “Essa classe média queria cientistas que provassem que os ‘grandes homens’ e não os aristocratas eram os verdadeiros representantes da nação em que se personificava o ‘gênio da raça’.” (ARENDR, 1998 [1963], p.211). Mais uma vez acaba ressaltando o racismo como importante ferramenta política “O racismo surgiu de experiências e constelações políticas que eram desconhecidas e teriam sido completamente estranhas, até mesmo para ardorosos defensores da ‘raça’ como Gobineau e Disraeli.”. (ARENDR, 1998 [1963], p. 214)

Essa obra traz um importante panorama de como o percurso da ideologia racista foi se desenvolvendo. Com foco inicial na França, e como foi se espalhando primeiramente na Europa tendo utilizações diferentes dependendo do contexto. E posteriormente foi aplicado na América, principalmente nos E.U.A e subsequentemente no Brasil, visando lidar com um contexto novo que foi a abolição da escravatura, criando teorias que foram utilizadas para fins políticos como o *apartheid* e o embranquecimento que embora tenham implementações e resultados opostos, fazem parte do mesmo espectro ideológico. Esses argumentos são bem importantes para uma boa compreensão da lógica argumentativa que se desenvolve no romance de Lobato.

Na obra *Feijoada e Soul Food 25 anos depois* o autor Peter Fry relata sua tentativa de reprodução da feijoada como um dos símbolos nacionais do Brasil para negros norte-americanos, para sua decepção a feijoada foi recebida como *soul food*, séries de comidas típicas dos estados do sul dos E.U.A onde a o histórico de escravidão foi marcante e a presença afro-americanos é bem forte. A partir disso Fry busca compreender porque esse prato tem significações tão distintas em sociedades que têm uma gênese semelhante, a escravidão. Por esse motivo a constituição do prato é a mesma nos dois países, os ingredientes utilizados no preparo originalmente são sobras dos senhores. A diferença se constitui então no sentido simbólico adquirido por cada prato em seu contexto. Enquanto no Brasil se estabeleceu como um caráter simbólico nacional, em contrapartida nos E.U.A. ela se torna símbolo referente a comunidade e resistência negra. Outros símbolos de essência negra sofreram processos de

assimilação semelhantes, como o samba e o candomblé. Segundo o autor esses símbolos que foram produzidos por negros que acabam por ser apropriados por produtores de cultura de massa e assim incorporando-se a livros, filmes e etc.

Utilizando em paralelo com a obra da Hannah Arendt. A teoria de Peter Fry ajuda a compreender como a implementação política dessas teorias raciais tomaram diferentes rumos nos Estados Unidos da América e no Brasil. Enquanto nos E.U.A a política usada foi a da segregação, no Brasil foi a política de branqueamento da população através da mestiçagem. Isso tem grande impacto na obra, já que Monteiro Lobato acreditava que a mestiçagem dava frutos a seres com o pior das duas raças. Por esse motivo a história dessa obra é constituída em um diálogo entre presente e futuro, onde o presente se passa no Brasil com todas as suas mazelas sociais e morais, enquanto o futuro se passa nos E.U.A onde mostra uma super potência mundial que só foi possível ser constituída com bases eugênicas.

A autora Giralda Seyferth traz em “As Identidades dos Imigrantes e o *Melting Pot* Nacional” (2000) uma visão de como a imigração europeia no Brasil acabou trazendo resultados um pouco diversos do esperado, principalmente no que tange a questão do branqueamento através da miscigenação. Nesse cenário a etnicidade é um conceito importante a ser abordado. O contraste entre *jus soli*, que assegurava a nacionalidade aos filhos de imigrantes que nasciam no Brasil e o *jus sanguinis* que são as relações sanguínea que também mantém fortes laços com as tradições e com o local de origem. A colonização do sul do Brasil por imigrantes europeus tem seus primeiros registros no século XIX, intensificada no final desse século e início do século XX, com concessões de terras em detrimento aos que já estavam aqui, principalmente pós- abolição, fazendo parte desse projeto de branqueamento consequentemente o melhoramento do brasileiro que estava se constituindo. O resultado foi que nessas colônias acabaram formando bolhas étnicas, onde se mantinham os costumes ligado aos países de origem, como língua, escola, igrejas que com o tempo passou a ser problemático porque atrapalhava a construção da identidade nacional.

Victor Klemplerer em sua obra intitulada LTI – A Linguagem do Terceiro Reich, dá um relato dos tempos difíceis que viveu como judeu durante o período nazista na Alemanha, onde seus direitos foram sendo cerceados progressivamente. Primeiro perdeu seu cargo público de professor universitário, depois veio a proibição de frequentar bibliotecas e até a expulsão de sua própria casa por meio de um confisco. Nesse contexto a única alternativa que viu como forma de escape, mesmo que efêmera, das intempéries impostas pelo regime foi a de analisar o discurso. Isso porque segundo ele a linguagem é primordial para que se compreenda um

determinado período. “É voz corrente dizer que a linguagem é a expressão de uma época. Da mesma forma pode-se dizer que é o retrato de um tempo e de um país.”. (KEMPLERER, 2009 [1947], p. 48/49)

A linguagem sempre revela o que uma pessoa tem dentro de si e deseja encobrir, de si ou dos outros, ou que conserva inconscientemente. Este também é, sem dúvida, o significado da frase *Le style c'est l'homme* [o estilo é o homem]. Uma pessoa pode fazer declarações mentirosas, mas o estilo deixará as mentiras expostas. (KEMPLERER, 2009 [1947] p. 49)

Para Kempplerer a chave do sucesso do nazismo se dá na propagação de seu discurso. Além dá forma uniforme, foram as mudanças e as ressignificações das palavras no intuito que se adequassem de forma utilitária ao regime e que acabaram sendo incorporadas no cotidiano alemão. Isso não se extirpou com o final do regime, várias expressões continuavam a serem replicadas mesmo em contextos antifascistas. Nas suas observações coloca que o discurso se matinha uniforme tanto dos adeptos ao terceiro *reich* como aqueles que sofriam com suas medidas cada vez mais agressivas. “A linguagem do Terceiro Reich sobrevive em muitas expressões típicas, a tal ponto impregnadas que parecem ter-se tornadas permanentes na cultura alemã. (KEMPLERER, 2009 [1947] p.54) e tudo isso foi possível porque “o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio das palavras, expressões e frases impositivas pela repetição, milhares de vezes e aceitas inconscientemente e mecanicamente. (KEMPLERER, 2009 [1947] p.55) Tudo aquilo que não se encaixava naquele padrão não chegava ao público. Para ele algumas dessas expressões deviam ser “enterradas” por muito tempo, e algumas para sempre. A linguagem é um instrumento muito forte para a criação e manutenção se estereótipos que se engendram no cotidiano e serve como mecanismo de manutenção das desigualdades latentes em uma sociedade. Mais à frente veremos como certas expressões que estão recorrentemente na obra são utilizadas para justificar certas ações, e como ditam o rumo para o desfecho final.

1.2 – O Homem

Em um de seus primeiros questionamentos, na verdade uma autorreflexão, que em parte também me abrange, Adriana Vianna na obra “Etnografando Documentos: uma antropóloga em meios a processos judiciais” (2014) questiona o quão etnográfico era a sua pesquisa por não pertencer a uma forma já consagrada de se fazer Antropologia. Seu trabalho consistia sobre a definição da guarda de menores por parte da vara da Infância e da Juventude na década de 1990 e observa a mudança da legislação até então vigente para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) .A partir disso é demonstrado como esses documentos produzem um universo social. Uma das particularidades é a relação que se estabelece e que ora não se estabelece entre o

trabalho de campo e a pesquisa documental, principalmente nessa relação “concreta” entre pesquisador e interlocutor.

As limitações que podem sobressair em cada um dos casos, como a parcialidade do encontro direto com interlocutores em algumas cenas e situações, ou os silêncios evidentes que se destacam nos documentos, desafiam-nos de modo simultaneamente semelhante e distinto. Semelhante porque destacam as lacunas, a sensação contínua de fala, de estarmos submetidos tanto a regimes de falas – conversas, entrevistas, depoimentos – quanto de silêncio. (VIANNA, 2014, p. 45)

Uma alegoria muito interessante que a autora utiliza é a de “pessoa de papel” que é uma analogia feita com interlocutores de “carne e osso”, na medida em que também existe a importância entre o dito e o não dito ou o escrito e o não escrito. Levar a sério essas “pessoas de papéis”, como personagens se apresentam e se desenvolvem, estabelecer um diálogo e seguir aquele caminho que se apresenta apesar das possibilidades de equívoco assim como interlocutores podem apresentar em uma etnografia tradicional.

Na obra Jorge Amado de Exu, e vice-versa Vagner Gonçalves da Silva se utiliza desses processos de análise para desenvolver uma rica observação de como a mestiçagem, principalmente religiosa e a figura de Exu se derramam na obra de Jorge Amado. Partindo de suas observações cotidianas transforma pessoas da sua realidade em personagens de suas tramas, fazendo críticas a perseguições religiosas e tecendo observações dessa natureza ambígua que a mestiçagem trás principalmente no campo da crença com o sincretismo religioso. Outra perspectiva de estudo antropológico com base literária é Romeu e Julieta e a Origem do Estado, de Eduardo Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquen de Araújo que partem do famoso romance do escritor inglês William Shakespeare, utilizado como base para uma abordagem antropológica a noção de amor que foi constituída na cultura ocidental moderna. Por partir de uma análise literária, os autores ressaltam o cuidado que se deter para não constituir uma narrativa mítica em cima da obra que a princípio não teria esse objetivo.

Outro prisma interessante nessa relação entre Antropologia e estudos literários se dá no artigo Feitiço na Carne: Acusações e literatura no Império do Brasil de autoria de Luiz Couceiro. Onde é feita a análise de como as acusações de feitiçaria são parte centrais da trama *A Carne* de Júlio Ribeiro. Apontamentos importantes são de como esses feiticeiros faziam parte rotineiramente de romances e contos no Brasil imperial. E que apesar de que romances não retratam de maneira cristalina a realidade, o contexto social que seu autor está inserido, mas dá subsídios importantes de como ele observava aquele contexto que fazia parte. “Ao investigarmos relatos do passado, não podemos participar como um observador do campo tal como um etnógrafo. Contudo, podemos olhar para as fontes literárias procurando compreender

como seus autores pensavam e interpretaram o universo social no qual estavam imersos.”. (COUCEIRO, 2016, p.91)

Colocadas essas questões de ordens metodológicas podemos perceber que o trabalho antropológico com base literária tem suas particularidades e exige ao pesquisador uma atenção distinta de um trabalho etnográfico mais tradicional. Entretanto esses escritos também podem ser vistos como um universo social onde o autor pode colocar suas experiências, opiniões, suas expectativas. Fazendo diversas leituras sobre o escritor e sua obra, procurei interpretar como ele observava a sociedade brasileira e de que forma isso aparece na trama.

Segundo Pierre Bourdieu a vida é um conjunto de acontecimentos no âmbito individual, porém existe duas formas de como poderia ser relatado esses momentos. A primeira os relatos autobiográficos seguem uma fórmula, um determinado percurso, com um formato de romance onde possui início, meio e fim e o locutor ou interlocutor seleciona e organiza às suas memórias para se adequar a esses moldes, esse estilo de narrativa seria pautado na filosofia da história, que é a principal crítica do autor em “A Ilusão Biográfica”. Em contrapartida a essa ilusão retórica se compõe o que ele intitula de anti-história, que busca uma maior realidade e esse real é composto por aquilo que é descontínuo e aleatório. Nesse trabalho busquei construir uma biografia de Monteiro Lobato com o intuito a subsidiar minha pesquisa, logo esse breve relato sobre a vida desse renomado escritor brasileiro está longe de abarcar todo seu percurso de vida e obra, mas que ajudará a compreender o objeto dessa análise antropológica, a obra “O Presidente Negro” de 1926.

Em setembro/outubro no número 4/5 da revista “Fundamentos” de 1948, autointitulada de revista de cultura moderna, situada no estado de São Paulo, associada com a Editora Brasiliense, presta uma homenagem ao seu fundador Monteiro Lobato, que havia falecido em 4 de julho do mesmo ano. Com a máscara mortuária mostrando um semblante sereno do renomado autor em capa. Contava com tópicos como “o homem”, “o escritor”, “depoimentos”, “literatura”, “leis políticas”, “*wroclaw*”, “críticas”, “comentários” e “notas”. Me ateei aqui na seção intitulada “Monteiro Lobato”, localizada no capítulo que se chama “O Homem” escrito por Artur Neves, onde é feita uma síntese da vida do celebre criador de “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”.

Nascido José Renato Monteiro Lobato (mudou o Renato para Bento posteriormente para usar uma bengala que pertencia ao seu pai que possuía as iniciais J.B.M.L gravada) no dia 18 de abril de 1882 na cidade de Taubaté, filho de José Bento Marcondes Lobato, grande latifundiário, e de Olimpia Alves Monteiro filha do Visconde de Tremembé. Com essa estrutura familiar bem abastada teve sua introdução aos estudos com um professor particular, depois passando por

instituições de ensino como o Colégio Stafford e Colégio Paulista. Concluído os estudos básicos ingressou na academia de direito de São Paulo na qual se formou em 1904.

Lobato costumava dizer que foi para essa escola só para satisfazer a vontade dos pais e confessava que apenas fez ato de presença nas aulas no *quantum satis* para obter diploma. À verdade, porém, segundo o testemunho de seus colegas de turma, é bem outra. Lobato fez um curso brilhante e sempre demonstrou uma inteligência e capacidade de apreensão admiráveis. (NEVES, 1948, p.267)

De acordo com minhas leituras da sua obra “O Presidente Negro” é nítido vê que Lobato estava sendo modesto em relação a sua passagem pela academia. Já que é notória a influência do pensamento vigente da graduação de direito sobre suas ideias. Isso que é abordado no tópico anterior. Prosseguindo com sua história em 1907 é nomeado procurador público em uma pequena cidade chamada Areias-SP. Aproveitando-se da pacatez da cidade para se aprofundar em estudos literários onde se impressionou com a literatura russa.

Sair dum livros russo é sair dum pesadelo! Não mais impressão céptica ou finamente agradável, nem higienicamente científica — mas a formidável impressão de quem põe o dedo na máquina infernal do Futuro. É tudo muito grande, desconforme, assimétrico, brontossáurico... Amedronta! Esmaga! Exorbita do quadro comum das nossas concepçõezinhas caseiras de latinos (...) A França é um velho jardim clássico. A Inglaterra é um gramado lindo. A Alemanha é uma horta científica e adubada com pós químicos, bostas sintéticas, urinas duma Werke. A Rússia é a Grande Esterqueira onde fermenta o Futuro — os futuros valores, os futuros moldes sociais, as futuras normas de tudo. Toda a literatura russa me dá a impressão disso (LOBATO *apud* NEVES, 1948, p.270)

É bem provável que Monteiro Lobato fez de “O Presidente Negro” sua grande obra russa. Onde através de sua visão social tece crítica ao caminho de miscigenação brasileira que para ele era fadado ao fracasso ao degenerar o melhor das duas raças, perdendo a fisicalidade do negro e a moral e intelectualidade branca. Enxergando o eugenismo o caminho de uma sociedade forte e desenvolvida, vê na sociedade americana o modelo a ser seguido.

Em 1909 começa a fazer seus primeiros escritos baseado na realidade que o cerca. Decide escrever sobre o declínio da agricultura e da lavoura, mais especificamente a do café.

Os ricos são dois ou três forre tas, coronéis da Briosá, com cem apólices a render no Rio; e os sinecuristas acarrapatados ao orçamérito: juiz, coletor, delegado. O resto é a «mob»: velhos mestiços de miserável descendência, roídos de opilação e álcool; famílias decaídas, a viverem misteriosamente umas, outras à custa do parco auxílio" enviado de tora por um "filho mais audacioso que" emigrou. «Boa gente», que vive de aparas». (...)

As fazendas são Escoriais de soberbo aspecto vistas de longe* entristecedoras quando se lhes chega ao pé. Ladeando a Casa Grande, senzalas vazias e terreiros de pedra com viçosas guanxumas nos interstícios. O dono está ausente. Mora no Rio, em São Paulo, na Europa. Cafesais extintos. (...) (LOBATO *apud* NEVES, 1948, p.270/271)

Com a morte do seu avô, o Visconde de Tremembé, ele herda uma grande quantidade de terras, na qual toma posse em 1911, tornando-se então repentinamente um fazendeiro em que vivenciará o que tinha escrito anteriormente de perto. É nesse momento da vida em que passa a reunir ideias que tira das suas vivências nesse ambiente para a construção de um personagem marcante, o Jeca Tatu. Onde é posta na figura do caboclo o empecilho para o desenvolvimento rural. Anos depois o autor revisa essa ideia e vê no Zeca Tatu uma vítima e não mais um agente da miséria o transformando no Zé Brasil.

Já te expus a minha teoria do caboclo, como o piolho da terra, o *Porriço decalvans* das terras virgens? Ando a pensar em coisas com base nessa teoria, um livro profundamente nacional, sem laivos nem sequer remotos de qualquer influência européia». «Rangel, é preciso matar o caboclo que evoluiu dos índios de Alencar e veio até Coelho Neto — e que até o Ricardo romantizou tão lindo: Cisma o caboclo à porta da cabana... Eu vou contar o que êle cisma. A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos»... «Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é. realmente a coisa, o mais certo era, estar lá na cidade a perpetuar a visão erradíssima do nosso, homem rural. (LOBATO *apud* NEVES, 1948, p.272)

Em 1918 ele vende as fazendas e se muda para a cidade de São Paulo e funda a Revista do Brasil. A revista fica em funcionamento até o ano de 1925. O possível motivo do fechamento foi a falta de estrutura da *Light*, fornecedora de energia, com isso as grandes máquinas que deviam fazer as tiragens dos livros acabavam ficando demasiadamente paradas atrapalhando a rentabilidade da empresa. Em 1920 é lançado o seu primeiro livro infantil intitulado “A Menina do Nariz Arrebitado” dando início a esse universo mais conhecido de suas obras, “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Vendendo mais de 50 mil exemplares, um grande sucesso para época, foi logo incorporada ao ensino público do estado de São Paulo.

Em 1926 ele escreve o livro “O Presidente Negro” ou “Choque das Raças”, um pouco antes de sua viagem para os Estados Unidos, que se deu em 1927, fato importante porque isso reflete no contexto do romance já que grande parte dele se passa lá. Sendo foco desse trabalho, essa obra que é bastante obscura ou obscurecida na biografia de Monteiro Lobato, é a síntese do pensamento do autor sobre diversos aspectos da sociedade brasileira. Sendo provavelmente o escrito onde mais coloca suas perspectivas acerca do país.

Foi durante sua viagem aos Estados Unidos que Monteiro Lobato se tornou um entusiasta do petróleo e funda diversas companhias para a exploração em solo Brasileiro.

A longa história da luta de Lobato pelo petróleo nacional vem contada em seu livro «O Escândalo do Petróleo», o mais terrível libelo até hoje escrito contra o imperialismo e seus agentes incrustados em nosso governo. É nesse livro que pela primeira vez se denuncia, com provas documentais, o acaparamento das nossas terras petrolíferas e o vasto plano de sabotagem. realizados pelo trust da Standard Oil, — por esse mesmo trust que hoje, não tendo mais interesse em negar a existência do petróleo brasileiro, mas sim em explorá-lo imediatamente, manobra no sentido de fazer com que seja aprovado pelo nosso parlamento um «Estatuto» entreguista, cuja

única finalidade é servir de disfarce legal e jurídico a mais uma de suas investidas contra os interesses econômicos da nossa pátria. (NEVES, 1948, p. 277)

Essa crítica ácida a política de petróleo nacional gerou uma animosidade entre Monteiro Lobato e o governo de Getúlio Vargas. O ápice desse conflito foi a prisão do escritor durante o Estado Novo em 1941. Sentindo-se censurado pela ditadura varguista é envolto em uma áurea de desgosto agravada pela morte do filho e a venda das suas empresas do ramo do petrolífero. Nesse cenário é que ele se debruça mais efusivamente na literatura infantil e na tradução de obras. Falecendo em 1948 vítima de um espasmo cerebral aos 66 anos de idade.

Esse primeiro capítulo é bem importante por dar subsídios essenciais para uma boa compreensão da vida de Monteiro Lobato, e das teorias raciais que circulavam no Brasil e que influenciaram na sua obra que foi lançada em 1926 “O Presidente Negro” ou “Choque das Raças. O capítulo que virá a seguir vai adentrar na obra de fato onde será analisado como essas teorias raciais são utilizadas pelo autor para construção de um futuro ideal de acordo com suas percepções.

2 – O Futuro pintado por Lobato

2.1 – O Início

Nesse segundo capítulo, partirei mais profundamente para a obra. Depois de um primeiro momento falar do autor e do contexto que está inserido, optei por trazer o enredo de uma forma descritiva, por se tratar de um escrito não muito conhecido, principalmente em contraste com sua grande obra infantil “O Sítio do Pica Pau Amarelo”, que grande parte das pessoas em território nacional tem conhecimento, ao menos superficial dos personagens e suas características devido aos livros e principalmente as adaptações televisivas. À medida que for avançando no enredo irei acionando teóricos que versam sobre o tema que a narrativa estiver abordando. Utilizo Abdelmalek Sayad pra falar sobre imigração e o estigma da pobreza, a Angela Davis pra abordar a questão da reprodução negra durante a escravidão. Norbert Elias ajuda a compreender a relação entre grupos que ocupam posições desiguais e as tensões que se apresentam na busca por uma igualdade real. Em decorrência desses conflitos acaba decorrendo três possibilidades de desfecho, que são a assimilação, a expulsão ou destruição esses dois últimos abordados por Hannah Arendt.

A história se inicia com o eu-lírico desconhecido que está na fila do banco (London Bank), em um determinado momento ele avista um conhecido que é corretor de negócios. Estabelecendo primeiramente um contato com o intuito de distrai-se enquanto aguarda a sua vez, inicia-se acerca dos problemas que a desonestidade dos homens pode causar. Segundo o corretor a desonestidade é a causa de um processo de burocratização que serve como mecanismo de controle para artifícios que visam burlar o processo da legalidade, daí a demora

na fila do banco, se todos os homens fossem íntegros não necessitaria de toda essa espera para a liberação do dinheiro. A solução desse problema se daria através do eugenismo, que eliminaria todos os desonestos. É a primeira vez que esse conceito é empregado na obra e como se verá posteriormente será parte central na trama.

O interlocutor desconhecido assente com a ideia, mas deixa claro através do seu pensamento que era a primeira vez que tinha contato com esse conceito. A conversa segue nesse sentindo e começam a falar sobre as pessoas que estão naquele ambiente, até que entra um senhor que chama atenção, indagando ao amigo quem seria aquele velho, o colega responde de forma sarcástica que aquele era o professor Benson, mestre em ciências naturais e finanças, um homem misterioso que vivia dentro de seu laboratório talvez na busca da pedra filosofal. O que fazia a sua fama era o fato de nunca ter perdido nas bolsas de câmbios. A conversa continua a especular como seria possível nunca perder e o mistério que envolvia tal figura que mora em um castelo em Friburgo (Rio de Janeiro) com uma filha e criados mudos.

Questionando o que o professor faria com tanto dinheiro, a resposta que foi dada pelo conhecido é que não era como os outros ricos, que não esbanjava seu dinheiro e que era positivamente misterioso, era como um “mágico que vê através do futuro”. Interpelando com desdém essa frase do amigo ele diz: como poderia se vê o que ainda não existe? A resposta que ouviu foi que não existe ainda, mas que terá que existir necessariamente como uma soma matemática: $2+2=4$.

Pouco depois os dois se despedem, o até então personagem misterioso começa a se apresentar, primeiramente como um coitado para todas as pessoas menos para si mesmo. Que trabalhava na empresa Sá, Pato & Cia. na qual recebia um pequeno aporte financeiro que servia para bancar suas vestes e o quarto da pensão onde residia. Depois de vários anos trabalhando conseguiu juntar uma quantia que investiu em marcos, mas que acabou perdida com a desvalorização da moeda. Após esse episódio trabalhou por mais quatro anos com o sonho de adquirir um automóvel.

De certo modo o carro também ajudaria no trabalho, que consistia em receber pagamentos e comissões, mas de fato o principal motivo seria uma elevação no status social, como dito por ele, enxergava a rua como duas castas, uma de pedestre e outra de rodantes. A primeira era composta por pessoas mais simples, que se viam obrigadas a percorrer grandes distâncias a pés debaixo de sol para ganhar uma baixa quantia e ainda por cima ter que tomar cuidado pra não ser atropelado pela casta superior. Decidido a elevar seu nível acabou adquirindo um Ford que trouxe melhorias para sua vida como a duplicação do seu salário.

Nessa nova fase motorizada acabou por ser encarregado de finalizar um negócio com um cliente em Friburgo, é claro que o recém rodante não iria perder a oportunidade de fazer essa viagem no seu automóvel. Aproveitando a estrada como se estivesse em uma pista de corrida explorou toda a potência da máquina chegando a 60 km/h que aliado a beleza do trajeto foram ingredientes para um acidente. Recobrada a consciência encontrava-se em um quarto, e em pé na sua frente o professor Benson que informou que o rapaz tinha sido resgatado em um barranco por seus empregados ao lado de um Ford destruído.

No momento em que ficou sabendo da situação do carro a dor psicológica sobrepôs a dor física por voltar a casta dos pedestres a quem tanto lutara para sair e pensando em sua volta para a firma que tinha acabado de aumentar seus vencimentos justamente por ter um carro. Então tentando tirar algum proveito desse infortúnio decide pedir ao professor Benson qualquer tipo de serviço para se ver livre daquele embaraçoso reencontro. O pedido foi negado porque o professor já tinha a sua disposição os funcionários que necessitava, porém, sentindo o final da vida se aproximando decide fazer do rapaz seu confidente sobre sua grande descoberta.

Ao adentrar o escritório do professor se depara com objetos que nunca tinha visto. É nesse momento que se revela o nome do personagem misterioso. Após ser indagado pelo professor, ele responde que se chama Ayrton Lobo. A conversa se desenvolve e é perguntado a Ayrton seu nível de instrução, ele responde que tem apenas o básico de estudos, o que gera uma certa decepção no cientista que esperava um confidente com nível intelectual a altura do segredo que iria ser-lhe revelado, mas já que era o que o destino o tinha apresentado teve que se conformar.

O professor Benson revelou que tinha temor que caso sua descoberta fosse revelada para humanidade poderia acarretar em fins catastróficos, que se quisesse poderia ser dono do mundo. Isso acaba despertando em Ayrton uma enorme curiosidade que só é aumentada com uma pausa para o almoço. Neste instante se apresenta um personagem central na trama, Miss Jane, filha do professor Benson, a quem Ayrton se encanta à primeira vista, é construída como uma moça bonita e inteligente, até mais que o seu mentor, dividiu com o seu pai seus estudos e conhece sua descoberta tão bem quanto ele. Nesse momento tem início pistas importantes sobre o que seria essa invenção com frases como “cortes anatômicos do futuro” e uma analogia sobre o tempo como páginas de livros: páginas já lidas representavam o passado, a página onde está sendo feita a leitura representa o presente, e as páginas que estão por vir representam o futuro. E logo após fazer essa analogia o professor Benson falar para o Ayrton que revelará a ele algumas dessas páginas futuras.

Ayrton ficou desorientado com a figura de Miss Jane, “criatura singularmente perturbadora, pois, além de agir sobre meus frágeis nervos como todas as moças bonitas, ainda me tonteava com a sua mentalidade de sábio” (LOBATO, 1926, p.26) colocando-a como é um espectro divino entre a Afrodite e a Minerva. Depois entramos em um aspecto mais filosófico da obra, onde o professor Benson vai explicar as premissas que levaram a sua descoberta. Após o almoço o professor levou o Ayrton para conhecer os laboratórios, nesse traslado ele se deparou com máquinas, tubos, ampolas, dínamos coisas que nunca tinha visto e não conseguia compreender. Por causa do nível intelectual de Ayrton se limitou a dizer que ali naquele velho laboratório consumiu 30 anos de sua vida que culminaram na construção de uma antena na torre do castelo. A função dessa antena é de captar a *vibração atômica do momento*, a vida na terra nada mais é que um movimento de vibração do Éter que é o princípio, o meio e o fim de tudo, o elemento primário. “Esse éter vibra e, conforme o grau ou intensidade da vibração, apresentasse-nos sob formas. A vida, a pedra, a luz, o ar, as árvores, os peixes, a sua pessoa, a firma Sá, Pato & Cia.: modalidades da vibração do éter. Tudo isso foi, é e será apenas éter.”. (LOBATO, 1926, p.27)

2.2 – A Grande Descoberta

Em um dado momento da história ouve um *interferente*, que pode ser entendido como deus, criador ou uma vontade, que quebrou essa vibração uniforme de éter e possibilitou a vida. Essa interferência ocorreu somente uma vez e a partir disso o universo se devolve de forma contínua através do determinismo (relação causa e efeito). Posto isso, Ayrton pergunta ao professor como conseguiria prever o futuro através desse conceito. Benson explica que o futuro é meio como um resultado matemático que começa com o éter, passa pelo *interferente*, que resulta na determinação que o presente, o futuro nada mais é do que a pré-determinação. Ayrton se lembra do que o amigo falou no banco e afirma $2+2=4$. O professor concorda com a afirmação e prossegue dizendo que $2+2$ seria o presente, 4 seria o futuro que já estava colocado intrinsecamente. Nesse momento Miss Jane entra conversa brevemente com os dois e faz um convite para um café.

Após o café o professor Benson continua as explicações sobre a sua invenção, antes da interrupção ele explicava sobre o futuro ser uma *pré-determinação*. Pra conseguir captar esse futuro foi construído o *cronizador* que envelhece as correntes de *ondas z*, que representam o presente a sua vontade. É ele que produz o *tempo artificial* que é muito mais rápido do que o tempo convencional que estamos habituados. Depois desse processo o futuro é visto através de um equipamento chamado *porviroscopia*, que é uma espécie de bola de cristal onde é possível

observar esses *cortes anatômicos do futuro*. O *cronizador* além de conseguir envelhecer a corrente para conseguir vê o futuro também tem a possibilidade de retroceder a corrente para conseguir fazer um *corte anatômico do passado*. Ayrton não se mostrou interessado nessa hipótese visto que a história daria conta dos eventos passados. O professor Benson discorda e faz uma crítica aos historiadores. “A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem com o passado a História? Toma dele fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores.” (LOBATO, 1926, p.39)

Ayrton e professor Benson entram no escritório e se deparam com Miss Jane em frente ao *porviroscopio*, logo que viu o professor tomou-se de empolgação e falou o seguinte: “Papai, exclamou ela, estou no fim da tragédia, no crepúsculo da raça. Dudlee ganhou uma estátua...” (LOBATO, 1926, p.41) apesar de que no momento isso não faz muito sentido é importante ficar com essa passagem guardada porque será importante no desfecho da trama. Ayrton fica cada vez mais encantado com Miss Jane, que é constituída de forma distinta de outras mulheres “Fui percebendo aos poucos que de feminino só havia em miss Jane o aspecto. Seu espírito formado na ciência e seu convívio com um homem superior, dela afastavam todas as preocupações de coquetismo, próprias da mulher comum.” (LOBATO, 1926, p.42)

Fica a responsabilidade de Miss Jane mostrar a Ayrton o *porviroscopio*, que funcionava como uma espécie de projeção de cinema, mas que também tinha suas limitações, só era possível ver e ouvir o que estava ao alcance dos sentidos, além de que só poderia ser visto até o ano de 3527, depois desse ano tudo fica embaçado e nada pode ser distinguido. Aqui a obra começa a colocar seus primeiros aspectos raciais, quando Miss Jane revela que em um corte feito no ano de 3527 na França sua população possuía “evidentes sinais de mongolismo” (LOBATO, 1926, p.44). Devido ao choque que sofreram com tal acontecimento, Miss Jane e o professor Benson resolveram estudar mais a fundo sobre esse fenômeno. A descoberta foi que “tinham-se derramado pela Europa os mongóis e se substituído a raça branca.” (LOBATO, 1926, p.45). Ayrton fica estupefato com essa catástrofe. A moça responde de maneira bem calma que a um motivo bem claro para que isso ocorra “O amarelo vencerá o branco europeu por dois motivos muito simples: come menos e prolifera mais. Só se salvará da absorção o branco da América.” (LOBATO, 1926, p.45)

O problema de saúde do professor Benson se agravava e o velho cientista já sabia que sua hora estava chegando e faz de certa forma um desabafo para Ayrton, que estava ali justamente nessa posição de confidente, ele conversa sobre miss Jane e o legado de sua obra que jamais chegaria ao conhecimento da humanidade. Após isso Ayrton e miss Jane se dirigem

ao gabinete onde se encontra o *porviroscopio* onde ela sintoniza para o ano 3.000, ou seja, 1074 anos à frente, porém esse processo requer um tempo que é de um minuto para cada ano avançado, logo a espera total é de 17 horas e 54 minutos. Enquanto aguardam miss Jane acaba contando a Ayrton sobre a “A invasão mongólica, o feroz industrialismo da Europa mudado em contemplativismo asiático, a evolução da América num sentido inteiramente inverso... quanta coisa formidável! Mas nada me interessou tanto como o drama do choque das raças nos Estados Unidos.” (LOBATO, 1926, p.52). Esse choque das raças ocorreu no ano de 2228, e miss Jane sugere para que Ayrton escrevesse um romance sobre esse evento, que isso faria dele um escritor muito famoso, ele se empolga com a ideia e começa a vislumbrar seu futuro de fama como autor.

Em um dado momento um criado chama miss Jane que corre para o quarto do pai, Ayrton aguarda alguns minutos, quando a moça retorna com um semblante tenso o convida para ir ao quarto do professor que já estava nos seus últimos momentos, após se despedir da filha e de confidente inesperado o professor Benson falece.

Antes de falecer o professor Benson destruiu sua grande descoberta para que não corresse risco de ser corrompida pela ganância dos homens. Cumprida sua missão de confidente Ayrton não se sente confortável a continuar no castelo, então mesmo relutante acaba decidindo voltar a sua antiga vida. Na dúvida de se despedir ou não de miss Jane ele acaba se esquecendo e pedindo uma opinião ao criado que supostamente era mudo acaba respondendo que não era uma boa ideia incomoda-la nesse momento de luto. Ele acaba deixando um bilhete se despedindo e que voltaria de tempos em tempos.

Voltando ao Rio de Janeiro ele tem a incomoda tarefa de justificar a sua ausência de quase um mês na firma Sá, Pato & Cia. Acaba explicando ao senhor Sá o infortúnio que sofreu durante a viagem. Nesse momento o outro sócio da firma chega e após uma conversa decidem manter Ayrton, mas com o salário que tinha antes de ter o automóvel.

2.3 – Um olhar sobre a constituição da sociedade americana

No domingo combinado Ayrton se dirigiu ao castelo para a visita a miss Jane, onde conversaram sobre o professor Benson, a falta que faria na vida de ambos, sobre a sua inteligência, visão de mundo. Também sobre o *porviroscopio* porém a parte dos *choque das raças* ficou para o próximo domingo.

Depois de passar a semana toda trabalhando, mas ansiando para que chegasse logo o domingo, Ayrton se dirige logo ao castelo ao encontro de miss Jane. Essa passagem é interessante porque nela é expressa o americanismo, estilo de pensamento que são pilares para o desenvolvimento da obra. Também é interessante observar o contraste que se expandi entre

miss Jane que é um personagem construído como uma pessoa extremamente inteligente, que dedicou a sua vida aos *cortes anatômicos*, por isso suas opiniões são baseadas na empiria dando um tom científico e Ayrton que é um cobrador, com ensino básico sendo uma espécie de senso comum. Isso fica bem claro nesse trecho:

Quando miss Jane abordou o assunto e de chofre perguntou-me que é que eu pensava do americano, imediatamente a bela síntese sapatessa me veio aos lábios:

Povo sem ideais, o mais materialão da terra, a gente do the biggest... murmurei com ênfase.

(...)

Essa ideia não pode ser sua, senhor Ayrton. Soa-me a frase feita, das que se recebem no ar sem exame. A um povo que tenta romper com o álcool acha sem ideias? Poderá haver maior idealismo que o sacrifício de formidáveis interesses materiais do presente em vista de benefícios que só as gerações futuras poderão recolher? Se o senhor Ayrton observar um pouco a psique americana verá, ao contrário, que é o único povo idealista que floresce hoje no mundo. Único, vê? Apenas se dá o seguinte: o idealismo dos americanos não é o idealismo latino que recebemos com o sangue. Possuem-no de forma específica, próprio, e de implantação impossível em povos não dotados do mesmo caráter racial. Possuem o idealismo orgânico. Nós temos o utópico. Veja a França. Estude a Convenção Francesa. Sessão permanente de utopismo furioso — e a resultar em que calamidades! Por que? Porque irrealizável, contrário à natureza humana. Veja agora a América. Em todos os grandes momentos da sua história, sempre vencedor o idealismo orgânico, o idealismo pragmático, a programação das possibilidades que se ajeitam dentro da natureza humana. (LOBATO, 1926, p.61/62)

Além do americanismo podemos perceber a crítica a Convenção Francesa que foi o regime que vigorou na França entre 1792 e 1795. Seus membros foram eleitos por sufrágio universal masculino. Prosseguindo após essa colocação miss Jane coloca Henry Ford como símbolo desse idealismo estado unidense e como um “reflexo elementar do bom senso” (LOBATO, 1926, p.67) e um “messias da Ideia Nova” (LOBATO, 1926, p.67). Onde seu pensamento seria base para um futuro visionário e pragmático.

O eugenismo acaba se apresentando novamente como base dessa sociedade modelo que atraiu da Europa os melhores indivíduos, onde concentraria “a força vital da raça branca” (LOBATO, 1926, p.68). Que começou com os primeiros colonos do Mayflower que seriam “homens de tal tempera, caracteres tão shakespearianos, que entre abjurar das convicções e emigrar para o deserto, para a terra vazia e selvagem onde tudo era inospitalidade e dureza, não vacilaram um segundo.” (LOBATO, 1926, p.68). Além dessa migração dos melhores indivíduos esse sistema era auxiliado por leis que visam barrar indivíduos indesejados.

E hoje, prosseguiu miss Jane, hoje que se deslocou para lá o centro econômico do mundo? Reflita um bocado na significação, não digo do povo americano, mas do fenômeno americano — o fenômeno eugênico americano. (...) No resto do mundo, várias espécies de crepúsculos... Cada vez mais vai sendo a Europa drenada de seus melhores elementos — as suas mariposas, e a Europa acabará amarelada pela pigmentação mongólica. Isso vi eu já bem denunciado nos cortes feitos no século 25. (LOBATO, 1926, p.69)

Ayrton indaga miss Jane se não seria lógico que o asiaticismo invadiria também a América (E.U.A). Aqui se estabelece uma crítica ao marxismo que se inicia com a afirmação de que o

espírito de castas havia arruinado a Ásia, o espírito de classes mataria a Europa. Isso não ocorreria nos Estados Unidos por causa do *idealismo orgânico* e por bases de ideias de Henry Ford de que “não há hostilidade entre capital e trabalho e sim um mau entendido” (LOBATO, 1926, p.70) então a indústria que era tida como vilã passa ser a base pra uma sociedade harmônica.

Outro questionamento de Ayrton é sobre a questão da inserção do negro de maneira forçada na América, Miss Jane fala que foi o um único erro cometido na construção dessa sociedade harmoniosa, esse é um aspecto bem importante porque o diálogo que se sucede vêm tratar sobre a principal crítica de Monteiro Lobato que foi a solução tomada com o “problema” negro no Brasil, que foi a da miscigenação, que consistia em casamentos interraciais (interétnicos) que iriam clareando seus descendentes de maneira progressiva até que chegaria um momento em que a população seria completamente branca. Para ele defensor da solução eugênica que consiste no ideal da raça pura, em que esse tipo de relação apenas gerava indivíduos inferiores físicas e moralmente.

Ayrton –(...) A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução?

Miss Jane - Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos. O cruzamento perturba essa cristalização, liquefá-la, torna-a instável. A nossa solução deu mau resultado.

(...)

Não há mal nem bem no jogo das forças cósmicas. O ódio desabrocha tantas maravilhas quanto o amor. O amor matou no Brasil a possibilidade de uma suprema expressão biológica. O ódio criou na América a glória do eugenismo humano... (LOBATO, 1926, p.70/71)

Abdelmalek Sayad em *Uma Pobreza “Exótica”*: a Imigração argelina na França (1991) tece uma análise sobre a “cultura da pobreza” e de que forma ela está intimamente ligada a questão da imigração. Em sociedades com um forte desenvolvimento econômico a pobreza é vista como algo exterior, que não pertence aquele lugar, como um estrangeiro.

Dessa maneira acaba-se construindo uma representação da pobreza como uma antítese da riqueza, por tanto como em uma espécie de meritocracia falaciosa onde o rico ocupa tal posição privilegiada por qualidades e características individuais que possibilitaram galgar esse posto, com o pobre se tem a mesma ótica, se ele ocupa uma posição inferior foi porque não possui a capacidade individual de ocupar uma posição melhor, desprezando assim uma série de fatores estruturais e econômicos que influenciam diretamente e impactam profundamente na perspectiva de futuro de cada indivíduo.

Deixar a pobreza em um âmbito externo é justamente o interesse desse tipo de pensamento. Tornar esse fato apolítico acaba por descolar da realidade social no qual se encontra tornando-se uma problemática invisível, portanto não discutida. Sendo assim quando alguém migra de um país pobre para um rico acaba carregando esse estigma da pobreza consigo.

A distinção entre as colocações de Sayad e o “O Presidente Negro” é que a imigração é tratada de duas maneiras distintas na obra de Lobato, enquanto a imigração negra forçada é vista como um equívoco a ser solucionado, acabando por isso sendo o foco principal da trama, carregando consigo todo um estigma que vai ser mais aprofundado adiante, encarnado assim essa questão da “pobreza exótica” enquanto a europeia é glorificada como a fonte de grandes valores e papel fundamental pra transformação dos Estados Unidos da América como principal potência mundial, contribuindo para a construção dessa sociedade eugênica. O dialogo se encerra com o Ayrton ainda sem compreender como a segregação seria solução desse problema. Ela arremata dizendo que tudo seria resolvido no ano de 2228 onde se iniciaria o inevitável *choque das raças*.

2.4 – Futuro, Choque das Raças e Eugenismo

No próximo domingo Ayrton retorna ao castelo para miss Jane prosseguir sobre suas revelações do futuro sobre o *choque das raças*. O primeiro questionamento feito é se como a população negra ameaçaria a hegemonia branca, visto que era muito pequena para constituir um perigo efetivo. Miss Jane explica que isso não seria problema se essas populações se desenvolvessem de forma proporcionais. O protagonismo americano acabou atraindo uma grande leva de imigrantes, com isso pautado no eugenismo foram criadas barreiras migratórias para que adentrassem apenas indivíduos desejados, “organizou o governo americano em todas as nações do velho mundo um serviço de importação de valores humanos, consistente em atrair para lá a fina flor eugênica das melhores raças europeias.” (LOBATO, 1926, p.74). Depois desse processo uma onda interna achou que o país estava demasiadamente povoado, fecharam todas as portas pra a imigração com isso deu-se a chamada “inflação do pigmento”. Aliado com essa proibição outro fator que teria contribuído pro desequilíbrio dessa balança seria a popularização das ideias eugenistas de Francis Galton, que primavam por uma restrição da natalidade. “Os brancos entraram a primar em qualidade, enquanto os negros persistiam em avultar em quantidade. Foi a maré montante do pigmento. Mais tarde, quando a eugenia venceu em toda a linha e se criou o Ministério da Seleção Artificial, o surto negro já era imenso.”. (LOBATO, 1926, p.75)

Esse Ministério da Seleção Artificial seria um dos grandes responsáveis pelo avanço da sociedade americana, por estabelecer critérios que visavam a melhoria do homem como

espécime. “Essas restrições melhoraram de maneira impressionante a qualidade do homem. O número dos malformados no físico desceu a proporções mínimas, sobretudo depois do ressurgimento da sabia lei espartana.” (LOBATO, 1926, p.75) Ayrton demonstra espanto com essa colocação “A que matava no nascedouro as crianças defeituosas? exclamei arrepiado. Tiveram eles a coragem de fazer isso?” (LOBATO, 1926, p.75). Miss Jane diz que se ele tivesse visto o resultado de tal medida, que a princípio parece drástica, “só se admiraria da estupidez do homem em retardar por tanto tempo a adoção de normas tão fecundas.” (LOBATO, 1926, p.75). Seria muito mais plausível interromper uma vida que ainda não se deu plenamente e nunca se dará, do que arcar com uma vida que viverá sempre em um estado vegetativo. Além disso a lei espartana praticamente extinguiu os “desgraçados por defeitos físicos” (LOBATO, 1926, p.76).

Para dar conta dos com problemas mentais, ficou a cargo da Lei Owen. Essa lei tem esse nome por causa de Walter Owen, que viveu cerca de cem anos antes do *choque das raças*, e foi autor do livro “O Direito de Procriar” onde foram tirados os fundamentos para *O Código da Raça*. “A lei Owen, como era chamado esse Código da Raça, promoveu a esterilização dos tarados, dos malformados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie.” (LOBATO, 1926, p.76) Depois da criação dessas leis foi iniciado um processo de seleção inspirada “na criação dos belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América”. (LOBATO, 1926, p.76)

Trazendo novamente um diálogo com a obra *Usos e Abusos da Mestiçagem no Brasil* (1996) de Schwarcz, aqui podemos observar mais claramente as primeiras influências da eugenia na trama, fazendo alusão explicitamente a Francis Galton que é o criador do termo eugenia, como já foi colocado é a junção das palavras “eu” que significa boa e “genus” que significa geração. Que dava bastante ênfase a questão da hereditariedade em detrimento da educação e do meio pra construção de um bom indivíduo. Justamente por essa constituição de pensamento tinha com princípio uma intervenção na reprodução primando sempre uma pureza racial. Além disso primava pelo extermínio de indivíduos indesejados, os de cunho moral aconteceria naturalmente em decorrência dos bons cruzamentos e os deficientes físicos logo após o nascimento, como colocado por Miss Jane como “Lei Espartana”.

2.5– A Solução Negra e a Solução Branca

Nesse cenário uma situação causava alvoroço, apesar de submetido as mesmas restrições reprodutivas que os brancos, os negros se reproduziam de maneira muito maior. “Na era em que tomamos este corte anatômico do futuro, ano 2228, as estatísticas apresentavam

dados alarmantes. Negros, 108 milhões; brancos, 206 milhões. E como o coeficiente da natalidade negra acusasse uma nova subida, o instinto de conservação dos brancos eriçou-se nos primeiros arrepios da legítima defesa.” (LOBATO, 1926, p.77) Diante desse cenário se desenhava duas soluções, a “solução branca” e a “solução negra”.

Na obra *Mulher, Raça e Classe* (1981) de autoria de Angela Davis tem o primeiro capítulo intitulado “O legado da escravatura: bases para uma nova natureza feminina”, ela tece uma análise de como às mulheres durante o período da escravidão nos Estados Unidos eram tidas como objeto de trabalho tanto quanto os homens, sendo submetidas aos mesmos tipos de obrigações e de tratamento, era uma forma antagônica de como era visto o papel da mulher branca na sociedade que tinham como função a docilidade e dos cuidados com a família e do lar. Essa situação começa a sofrer alterações com o fim do tráfico internacional de escravos, com isso as mulheres negras além da força de trabalho passam a ter um papel fundamental como reprodutoras de mão de obra escrava e conseqüentemente do sistema, passando a ter uma valorização no comércio, eram estimuladas a reproduzir o quanto biologicamente fosse possível.

É interessante fazer o confronto desses dois discursos, como na obra “O Presidente Negro” de Lobato com às análises da Angela Davis, abordam de formas bem distintas a maneira que acontece esse crescimento da população negra. Enquanto Davis mostra que a população negra escravizada foi obrigada a se reproduzir para a manutenção de um sistema baseado em trabalho escravo, que no crepúsculo do seu ciclo, com o fim do tráfico tornam um cativo um bem valioso por consequência a reprodução era estimulada. No livro de Lobato é vista como uma proliferação de uma doença, mais uma vez pautado nos ideias eugênicos e no darwinismo social, que coloca o negro como uma praga que corrompe todo um ecossistema harmonioso, frutos de estereótipos que vão se ressignificando com o passar do tempo, e que estarão muito presentes na obra e de diversos tipos, fenótipos e morais. Visão parecida foi expressa nos primeiros diálogos entre Ayrton e Miss Jane sobre os asiáticos na França, na obra colocado também como “amarelos”, tinham substituído a raça branca na Europa por “comer menos e ser reproduzir mais”.

Dando seguimento a trama. Em um primeiro momento a solução branca consistia em expatriar os negros para o Brasil, mais precisamente no Vale do Amazonas, aqui é tecido um comentário acerca da divisão do Brasil em dois países, um norteado pelas ideias eugênicas e outro a se desenvolver através da miscigenação.

O antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do rio Paraná. Com as cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da

América transformado na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma republica tropical, agitava-se ainda nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semimorta língua portuguesa. Os sociólogos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo consequente à fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este último predominante no vale do Amazonas. (LOBATO, 1926, p.77/78)

Ayrton mostra-se desapontado com a divisão do Brasil, porém miss Jane pondera que devido a mistura das raças já decorrida no país essa foi a única solução viável, em vez de perder uma país por completo abre-se mão de uma parte para que outra se salve. Outra modificação seria a união entre esse Brasil eugênico com Argentina, Uruguai e Paraguai (também eugênicos) mantendo-se assim como um grande país na questão territorial formando-se assim a grande República do Paraná.

Diante dessa questão, de um primeiro momento a resolução da “questão negra” nos E.U.A por parte dos brancos seria uma migração forçada para o norte do Brasil, me veio logo em mente Eichmann em Jerusalém (1963), livro de Hannah Arendt que trata da análise que a autora faz do julgamento do integrante nazista que contribuiu no extermínio de judeus no holocausto Adolf Eichmann. E uns dos conceitos principais da obra é o de “banalidade do mal” onde ela analisa através dessa figura como pessoas aparentemente comuns, que anteriormente não demonstravam serem antissemitas, racistas acabam por fazer parte desse processo, ser uma engrenagem dessa máquina de aniquilação.

No capítulo IV intitulado de “A Primeira Solução: Expulsão” conta como Eichmann e o Estado Nazista consideravam os judeus como oponentes, e buscavam em um primeiro momento, uma solução que fosse razoável a ambas as partes, a saída que foi encontrada foi o deslocamento dos judeus da Alemanha para a Palestina, em um movimento que ia de apoio ao judaísmo sionista como forma estratégica para se ver livre desse incômodo. Existia até um acordo entre as autoridades nazistas e uma agência Judaica para Palestina que facilitava a troca de bens alemães por libras quando chegasse ao destino. Milhares de judeus conseguiram fazer esse percurso até que, quando a guerra se acirrou esse tipo de prática se tornou inviável a política foi extinta e os judeus foram colocados em campos de concentração.

O expatriamento dos negros se apresenta aqui como a primeira solução para a esse conflito racial na América, assim como se apresentou em um primeiro momento na Alemanha. A distinção entre os casos se apresenta porque os negros não queriam ser deportados e sim a divisão do país. Enquanto na questão judaica o partido nazista viu no sionismo uma oportunidade para a solução nesse primeiro momento. A recusa dos negros só aumentou a animosidade existente nesse convívio conflituoso.

Miss Jane acaba voltando para a “solução branca” que possuía diversos problemas, além da logística de transporte de mais de 100 milhões de indivíduos, esbarava na Constituição Americana em que todos os cidadãos são iguais perante a lei. Já a “solução negra” consistia na divisão do país em que o sul ficaria para os negros e o norte para os brancos, já que a América foi construída pelo esforço de ambos e não era mais possível a convivência seria o meio mais justo para a solução desse conflito. O impasse persistia porque esse movimento não foi aceito.

2.6 – O Líder Negro Jim Roy e as Eleições

Nesse momento apresenta-se uns dos personagens centrais do enredo que se passa no futuro, Jim Roy, ele é constituído como muito inteligente e a personificação da comunidade negra. “A sua semelhança com um mestiço de senegalês e pele-vermelha (coisa impossível, pois de há muito já não existia um só índio na América) acentuava-se pela cor da pele, nada relembrativa da cor clássica dos pretos de hoje.” (LOBATO, 1926, p.80) Isso acontece porque os negros passaram por um processo de despigmentação que deixou o negro com aspecto esbranquiçado, mas que não era como um branco “natural”, além disso o cabelo também era um impeditivo pra se enquadrar no padrão ariano de beleza. “Mas nem eliminando com os recursos da ciência o característico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na América. Antes agravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza étnica e do privilegio da cor branca ingênita, não lhes podiam perdoar aquela camuflagem da despigmentação.”. (LOBATO, 1926, p.81) É interessante notar nessas passagens que o processo da despigmentação, que na obra não fica claro se a iniciativa partiu dos brancos ou dos negros, provavelmente dos brancos já que eles são constituídos nesse universo como moralmente e intelectualmente superiores. O que é importante observar que esse processo só fez aumentar a animosidade com relação aos negros, deixando claro que não só uma questão estética, é uma questão de sangue, de raça.

Faltava pouco tempo para o pleito que elegeria 88º presidente dos Estados Unidos. Os antigos partidos Republicanos e Democratas fundiram e se transformaram no Partido Masculino que se confrontaria com o Partido Feminino que tinha maior número de eleitoras. Capitaneadas por Evelyn Astor elas ameaçavam a hegemonia masculinas e a área política era um desses últimos redutos e que já estava bastante ameaçado, já que na última eleição a vitória masculina foi por uma pequena margem. Pelo lado masculino o candidato era Kerlog, atual presidente e candidato a reeleição, sua vitória só foi possível devido ao apoio de Jim Roy nas últimas eleições. “As melhores estatísticas davam ao Partido Masculino 51 milhões de vozes, ao Partido Feminino 51 e meio e a Associação Negra, contados os votantes de ambos os sexos, 54 milhões.

A próxima eleição dependeria, pois, exclusivamente da atitude do grande negro.”. (LOBATO, 1926, p.82/83)

Miss Elvin era autora de um livro intitulado “Simbiose Desmascarada”, seu conteúdo consistia em afirmar que a mulher não era a fêmea natural do homem. Em um passado remoto, não se agradando de sua parceira original ele teria se apropriado de uma espécie anfíbia com anatomia similar chamada sabinos. Posteriormente ela elaborou um romance chamado “Massacre dos Sabinos” que conta a tentativa de recuperação da fêmea que se deu de maneira frustrada. “O problema americano se complicava assim da mais imprevista maneira. Além do aspecto étnico, o inevitável choque da raça branca com a negra, surgira o aspecto, como direi? especial, isto é, o conflito das duas espécies de mamíferos, Homo e Sabinas, cuja simbiose fora denunciada.”. (LOBATO, 1926, p.87)

Em uma reunião ministerial, o presidente Kerlog demonstra preocupação com a ameaça sofrida, primeiramente pela expansão negra e depois pela cisão das elvinistas. Acuados nessa difícil situação resolveram atacar o problema que achavam mais grave, que foi a ameaça elvinista. Com isso resolvem tentar aliança com Jim Roy, porém, para isso teria que ceder a algumas concessões pedidas pelo líder negro, que consistia na atenuação da Lei Owen que tinham ficado mais rígidas no último ano. Claro que os homens brancos não ficaram contentes com essa medida, mas devido as circunstâncias resolveram ceder. No momento em que termina a reunião é radiado em letras luminosas e é vista a seguinte frase “Miss Astor está em conferência com Jim Roy.”. (LOBATO, 1926, p.89)

A reunião decorre com miss Astor tentando convencer Jim Roy que aliar-se com as elvinistas seria a melhor solução para todos, vistos que ambos sofreram das opressões do homem branco. Jim Roy escuta tudo atentamente, mas não demonstra nenhuma reação e a líder do partido feminino sai com a sensação de que uma traição virá por parte do líder negro.

É colocado como cada sociedade tem um princípio que a norteia. Na França seria os ideais da Revolução Francesa, igualdade, liberdade e fraternidade; na Inglaterra seria a tradição; na Alemanha a organização; na Ásia o fatalismo e por fim nos E.U.A seria a eficiência. Como em uma colmeia todos os indivíduos tinham a capacidade de exercer suas funções, assim a eficiência americana resolveu todos os problemas matérias, enquanto o eugenismo tinha resolvido todos os problemas morais.

O característico mais frisante dessa época, toda via, estava na organização do trabalho. Todos produziam. Muito cedo chegou o americano à conclusão de que os males do mundo vinham de três pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade: o vadio, o doente e o pobre. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do castigo, do remédio e da esmola, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência do

último. Aliviada da carga inútil que tanto a embaraçava e afeava, pôde a América aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colmeia, mas a colmeia da abelha que raciocina. (LOBATO, 1926, p.93)

Nesse trecho é possível notar a congruência de pensamento entre Monteiro Lobato e do médico Renato Kehl, citado no primeiro capítulo (p.5), onde foi colocado como essas teorias raciais influenciaram bastante a academia de direito e medicina, além dessa relação indireta os dois trocavam correspondência, e na dedicatória desse livro consta o nome de Artur Neiva e Renato Kehl, que eram da sociedade eugênica brasileira, que como colocado por ambos daria conta de diversos problemas físicos e morais que na suas visões retardavam a evolução do Brasil como sociedade.

Ayrton maravilhado com tudo isso pergunta sobre o funcionamento do governo, que na atualidade julgava calamitoso. Miss Jane diz que tal princípio da eficiência também surtiu efeito nos órgãos governamentais, não deixando a desejar em produtividade para as empresas privadas. O sistema continuava representativo, mas agora só ascende ao poder aqueles que tiveram uma grande contribuição para a vida pública. “Os homens de elite viam-se colocados nesses postos naturalmente, como o melhor músico das orquestras sobe naturalmente a cadeira da regência.”. (LOBATO, 1926, p.94)

Novamente a questão étnica é retomada como único impeditivo dessa sociedade quase perfeita. O expatriamento desejado pelos brancos só seria possível de comum acordo com os negros, algo longe de ser factível. “O processo científico de embranquece-los aproximava-os dos brancos na cor, embora não lhes alterasse o sangue nem o encarapinhamento dos cabelos. O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar.”. (LOBATO, 1926, p.98)

Nas vésperas da eleição do 88º presidente dos Estados Unidos o clima era bem diferente. Enquanto do lado masculino o sentimento era de apreensão por uma eminente derrota, o lado feminino, pelo contrário, aguardava eufóricas a eminente vitória no pleito.

As eleições do século 23 em nada lembravam as de hoje, consistentes na reunião dos votantes em pontos prefixados e no registro dos votos. Tudo mudara. Os eleitores não saíam de casa — radiavam simplesmente os seus votos com destino à estação central receptora de Washington. Um aparelho engenhosíssimo os recebia e apurava automática e instantaneamente, imprimindo os totais definitivos na fachada do Capitólio. (LOBATO, 1926, p.101)

Em uma conversa com o ministro da Seleção Artificial, o presidente Kerlog fala sobre a eleição que se aproxima. Ele discorre sobre as concessões que seriam feitas ou que deveriam ser feitas. A realidade é que as concessões eram apenas blefe para receber o apoio de Jim Roy, os estudos para a expatriação estavam sendo concluídos e que em breve se tornaria concreta a “solução branca” de enviar todos os negros para o Vale do Amazonas no Brasil. “É impossível protelar por mais tempo com paliativos ilusórios a solução do binômio racial. Ou expatriamos

os negros já, ou dentro de meio século seremos forçados a aceitar a solução negra, asfixiados que estaremos pela maré montante do pigmento.”. (LOBATO, 1926, p.105)

Chegou o grande dia da eleição que estava marcado para as 11:00 da manhã e duraria cerca de 30 minutos. Jim Roy revelou que indicaria o candidato a ser apoiado apenas as 10:30. Depois de uma longa reflexão de toda violência sofrida pelo negro desde que foram arrancados da do continente africano, escravizados, estigmatizados e possivelmente expulsos. No horário combinado o líder negro anuncia: “o candidato da raça negra é Jim Roy”. (LOBATO, 1926, p.109)

Miss Astor possuía um infiltrado dentro da associação negra então logo anunciada a decisão de Jim Roy, o informante tratou de avisar a líder feminina de sua escolha. Quando soube que Roy seria eleito, passou mal e desmaiou. As correligionárias se deparando com essa cena imaginaram a vitória de Kerlog e já se preparavam para algum tipo de retaliação quando Miss Astor recobra a consciência diz que terão que aliar-se aos homens novamente. “Sim, porque já não se trata de um mero choque político entre as duas facções da raça branca. Trata-se da luva que nos vem de lançar ao rosto a raça negra. Jim Roy neste momento já deve estar eleito Presidente da República...”. (LOBATO, 1926, p.112)

2.7 - Reconciliação

Graças a cisão entre o eleitorado branco foi possível a ascensão de um negro ao poder, enquanto Miss Astor e Kerlog ficaram tecnicamente empatados com 50 milhões e meio de votos, Roy saiu vencedor com 54 milhões de votos. “Bastou um momento de divórcio para que a raça branca se visse nesta horrível situação: apeada do domínio e à mercê de uma raça de pitecos que, essa sim, tem contas terríveis a justar conosco...” (LOBATO, 1926, p.113) declarou Miss Astor. A ruptura foi imediatamente esquecida restando apenas miss Elvin como defensora das ideias elvinistas. Todas as demais capitaneadas por Miss Astor decidiram apoiar a Kerlog.

Ayrton indaga como teria reagido Kerlog, Miss Jane responde que quando ele viu o nome de Jim Roy na fachada do capitólio ficou estupefato, se beliscou pra saber se não estava vivendo um pesadelo. Tempos depois miss Astor invade a sala de Kerlog o agarra pelo o pescoço e lhe dá um beijo, acaba pedindo desculpas e a aliança branca é refeita. “Cerrems fileiras em torno de Kerlog! É ele o nosso líder supremo — líder da raça, e acaba de traçar o incoercível programa branco: ‘Vencer!’ Viva Kerlog!’. (LOBATO, 1926, p.118)

Enquanto os negros permanecem escravos e os judeus, pequenos comerciantes ou caixeiros-viajantes que viajam através do país, bizarramente vestidos e claramente identificáveis como membros do gueto, a tensão entre os grupos estabelecidos e os outsiders, obviamente sempre presente, situa-se em nível relativamente baixo. Esse nível mostra quando os membros de um grupo outsider aspiram a se elevar

socialmente ou quando o grupo outsider inteiro visa uma igualdade legal e social com os grupos estabelecidos são superiores. (ELIAS, 2001, p. 136)

Essa importante análise feita pelo Elias em Norbert Elias por eles mesmo (2001), a princípio na situação dos judeus na Alemanha nazista, como o próprio coloca na obra, nessa relação entre grupos que por algum motivo se encontram em posições antagônicas em determinada esfera social se mantém de forma estigmatizada. A partir do momento em que esses grupos julgados como outsiders buscam uma igualdade jurídica, social e humana. Procuram um patamar de igualdade real, de transitar nos mesmos espaços, coexistir nos mesmos ambientes acabam por intensificar a tensão entre essas frações. Um aspecto importante é a participação do Estado nessa relação. Quando parte pra um viés de integração o Estado vê o aumento dessas tensões. Ou pode servir de instrumento para manutenção de privilégio desses estabelecidos, usando do meio da expulsão ou eliminação. Aqui o ápice dessa tensão foi a eleição de um negro, que enquanto eram vistos apenas como o fiel da balança, eram tolerados pelos brancos estabelecidos, quando foi utilizado da constituição como mecanismo da busca de uma igualdade real, estourou definitivamente o *choque das raças*.

“A longo prazo, a assimilação ou a formação de um Estado distinto constituem em todos os casos alternativas para resolver esse problema; a expulsão e a eliminação dos outsiders são outras.” (ELIAS, 2001 p.141) Assim como na Alemanha como citado por Hannah Arendt e Norbert Elias, no contexto da obra essas duas opções são colocadas à mesa, em um primeiro momento o expatriamento é a solução principal não aceita pela comunidade negra, com a ascensão de Jim Roy ao poder isso não se tornaria mais possível.

O clima no país era de perplexidade tanto de vencedores como de vencidos. Somente no outro dia foi possível ver os primeiros impactos do resultado da eleição. “O velho desprezo racial do branco pelo negro transformava-se em cólera, e o recalado ódio do negro pelo branco, arreganhando os dentes, entreabria um monstruoso sorriso de revanche.” (LOBATO, 1926, p.121) O primeiro encontro dos líderes das duas raças após a eleição seguiu esse tom ambíguo, uma espécie de guerra fria onde os dois líderes teriam que servir com apaziguadores para que não descambasse em catástrofe “como chefes supremos das duas raças a nós só incumbe atender a salvação comum. Se não contivermos de rédeas presas os dois monstros — o monstro da ebriedade negra e o monstro do orgulho branco, a chacina vai ser espantosa...” (LOBATO, 1926, p.123) disse Jim Roy.

Kerlog retrucou “Como há razões de estado, Jim, há razões de raça. Razões sobre-humanas, frias como o gelo, cruéis como o tigre, duras como o diamante, implacáveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filósofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem

admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o gênio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar...” (...) “Acima da América está o Sangue.”. (LOBATO, 1926, p.124)

“Seja! E porque assim é, dei o supremo golpe. A América é tão sua como minha. Tenho-a nas mãos. Vou dividi-la.”. (LOBATO, 1926, p.125) Disse o líder negro.

“A justiça está contigo, Jim. Manda a justiça dividir a América. Mas o Sangue está acima da justiça. O Sangue tem a sua justiça. E para a justiça do Sangue Branco é um crime dividir a América.”. (LOBATO, 1926, p.125) Finaliza o líder branco. Os dois se abraçam com lágrimas nos olhos e se despedem.

2.8 – A Convenção Branca

A raça branca havia se reunido novamente após a derrota, dissolvendo assim o partido elvinista. Kerlog marcou uma reunião com todos os seus secretários, o primeiro a falar foi o Ministro da Paz. Para ele deveria manter-se o respeito pelas instituições, Jim Roy se elegeu de maneira honesta, portanto, seu governo deveria ser reconhecido. O Ministro da Equidade o interpela com a seguinte afirmação “O problema transcende a esfera política e tornasse racial. Neste momento não estamos aqui como secretários de estado e sim como brancos afrontados pelos negros. Acima das leis políticas vejo a lei suprema da Raça Branca. Acima da Constituição vejo o Sangue Ariano. O negro nos desafia. Cumpre-nos aceitar a luva e organizar a guerra.”. (LOBATO, 1926, p.131) Todos assetem com o ministro então Kerlog sugere que seja convocada a convenção da Raça Branca. A ideia teve aprovação unânime.

A partir daí inicia-se uma conversa entre Ayrton e Miss Jane sobre mais aspectos dessa sociedade eugênica. Vale mais uma vez o destaque da simetria entre os discursos de Lobato e Kehl.

A uma criatura de hoje que assistisse aos acontecimentos do ano de 2228 nos Estados Unidos, nada espantaria tanto como o alto controle de si próprio que o homem revelava. Nada de tumulto, de anarquia individualista, de desnecessárias violências na linguagem e nos atos. É que os processos seletivos tinham banido da sociedade os tarados, inclusive os retóricos. Todas as perturbações do mundo vinham da ação antissocial desses maus elementos. Até a vitória prática do eugenismo, a desordem humana raiara pelo destempero e não podia deixar de ser assim, visto como um alcoólatra, um retórico ou um burocrata tinham tanta liberdade de encher o mundo de futuros pensionistas das prisões, dos prostíbulos e das câmaras de deputados como um homem são de o povoar de silenciosos homens de bem. A má semente humana gozava de tantos direitos como a semente que abrolhou em Lincoln. E a caridade, a filantropia, a assistência pública em matéria de defesa social, não faziam senão despender enormes quantidades de dinheiro e esforço na criação de hospitais, asilos, hospícios, prisões, casas de congresso, repartições públicas, isto é, abrigos para os produtos lógicos da má origem. A ideia de seleção da semente, de há muito vitoriosa na agricultura e na pecuária, só não se via aceita no campo que mais deveria interessar ao homem. Uma velha ideologia mística vinda da Ásia hebraica, e um falso conceito de liberdade vindo do 89 francês, a isso se opunham tenazmente. Quando em 2031 Owen propôs a lei espartana, a resistência ainda se mostrou forte; mas o alto progresso do espírito da América permitiu-lhe a vitória. Pouco depois, quando o mesmo Owen

formulou a lei da esterilização dos tarados, embora fosse colossal o número dos atingidos, já se revelou menor a resistência e a lei venceu por esmagadora maioria. Bastou um século de inteligente e sistemática aplicação dessas leis áureas para que o povo americano se alçasse a um grau de elevação física, mental e moral que nem o próprio Owen chegara a sonhar. Fecharam-se as prisões e com elas os hospitais, os hospícios e asilos de toda espécie. E os sociólogos da época entraram a assombrar-se da estupidez dos seus ancestrais... que passavam a vida lutando contra os produtos do mal sem terem a ideia de suprimi-lo com supressão da má semente. (LOBATO, 1926, p.132/133)

Outro aspecto em que o eugenismo teve grande impacto, como não poderia deixar de ter, foi na reprodução, que passou a ser norteadada pelo Código das Raças. “Só quem apresentasse a série completa de requisitos que a Eugenia impunha — requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia o ministério da Seleção Artificial o brevê de "pai autorizado".” (LOBATO, 1926, p.133)

Ayrton ficou maravilhado com tal evolução de ação e pensamento e como é uma burrada que “ainda hoje tenha o direito de ser pai quem quer! Morféticos há ali na roça que botam no mundo anualmente pequeninos lázaros. E ninguém vê, ninguém diz nada, todos acham que está tudo direito...”. (LOBATO, 1926, p.133)

É interessante observar a transformação que Ayrton vai sofrendo ao longo da trama, de descrença, espanto a um entusiasmo pelo mundo eugênico que virá pela frente, de forma até pregar essas transformações imediatamente. “Pela primeira vez fui eu quem pôs fim a um domingo. Estava ansioso por voltar a cidade e nos cafês, na rua, no escritório, pregar a eugenia e insultar a estúpida gente que não vê as coisas mais simples.”. (LOBATO, 1926, p.135) Retomando um pouco Victor Kemplerer para analisar a linguagem e ressignificação que a eugenia vai tendo ao longo da trama, e principalmente no pensamento de Ayrton, que em um primeiro momento se apresenta como um conceito distante jogado por um amigo em uma conversa casual em um banco, depois através de miss Jane é desenvolvido como causou mudanças drásticas no futuro, que em um primeiro momento assusta e depois se transforma em uma bandeira a ser defendida.

Dando prosseguimento é estabelecido uma comparação entre a convenção branca de 2228 e a convenção francesa de 1789. Enquanto o eugenismo elevou tanto os indicies mentais dos indivíduos a tal níveis que em nada similar aos tumultos e decepções de cabeças da segunda. “A Convenção Branca de 2228 nem por sombras lembraria o redemoinho alto-falante de 1789.” (LOBATO, 1926, p.137)

A convenção era composta por seis líderes de diferentes campos da sociedade: George Abbot era o chefe da indústria; John Perkins do comércio; Harmsworth dos bancos; John Leland da estética; John Dudley o inventor e por fim Dorian Daves poeta. Estavam se reunindo com Kerlog na Casa Branca para resolver esse complexo imbróglio racial. Leland se propôs a ler

uma monção que tinha elaborado, terminada a leitura todos assentiram com seu conteúdo e assim foi encerrada a convenção, para desapontamento de Ayrton que esperava algo mais espetacular, perguntando para Miss Jane o conteúdo da tal monção a resposta é que só Kerlog e os seis convencionais sabiam o conteúdo.

Após o fim da convenção John Dudley foi um dos últimos a se despedir de Kerlog. Ao cumprimenta-lo o inventor falou para o presidente caso ele precisasse de um remédio para dor de cabeça para procura-lo. O Tempo se passou e nada de uma solução de como implementar a monção que foi escolhida na convenção. Até que Kerlog se lembrou do que foi dito por Dudley e radiou uma mensagem para ele. Chegando aos aposentos presidências Dudley revelou que estava se dedicando aos estudos de cabelos negros, tentando descobrir alguma forma de alisa-los e deixar igual aos brancos. “Os raios Ômega, de sua descoberta, tinham a propriedade miraculosa de modificar o cabelo africano. Com três aplicações apenas o mais rebelde pixaim tornava-se não só liso, como ainda fino e sedoso como o cabelo do mais apurado tipo de branco.”. (LOBATO, 1926, p.147)

Como é de supor, imensa foi a repercussão da notícia. Cem milhões de criaturas reviravam para o céu os olhos agradecidos. Os negros chegaram a tomar-se de puro êxtase, convictos de que das Alturas descera a pugnar por eles alguma alta divindade, como outrora os bons deuses do Olimpo. Mal repostos ainda da emoção consequente á vitória de Jim Roy, outra os empolgava agora — e está mais fecunda, pois redundaria num aperfeiçoamento físico da raça. Já o pigmento fora destruído e, embora o esbranquiçado da pele não se revelasse cor agradável à vista, tinham esperança de obter com o tempo a perfeita equiparação cutânea. Vir agora, e assim de chofre, o cabelo liso e sedoso, a supressão do teimoso estigma de Cam, era, não havia dúvida, sinal de um fim de estágio. Reduzidas desse modo as duas características estigmatizastes da raça, o tipo africano melhorava a ponto de em numerosos casos provocar confusão com o ariano. Entre a miss naturalmente branca e loura e a negra despigmentada e omegada pelo processo Dudley, era quase nula a diferença. (LOBATO, 1926, p.147)

Rapidamente John Dudley espalhou “Postos Desencarapinhantes” por todos os bairros que se tornaram um grande sucesso. “Era dos mais simples o processo. Três aplicações apenas, de três minutos cada uma. Tais facilidades juntas ao custo mínimo, dez centavos por cabeça, fizeram que os negros acorressem aos postos como cães famintos a bofes fumegantes.”. (LOBATO, 1926, p.148) Ayrton não entendeu o que esse processo tinha de importante no desenvolver da história. Miss Jane explica pra ele que assim como em um jogo de xadrez um movimento de peão tem tanta importância quanto a um xeque mate, assim deixa em suspenso o real objetivo desse alisamento em massa.

Ayrton já havia sendo completamente envolvido com o mundo futuro, a ponto de se demonstrar completamente irritado com o homem do presente e sua ignorância. “Está-me envenenando este negócio de viver os domingos no ano 2228. Não suporto mais a burrice, a

cegueira, a suficiência destes ‘sapatões’ que atravancam o mundo com os seus horríveis fraques internos e externos.”. (LOBATO, 1926, p.158) Miss Jane diz que é necessário ter calma na vida e prosseguiu sobre suas visões do futuro.

Para Jim Roy a ameaça branca já tinha sido superada, e a vitória negra já estava consolidada. Enquanto isso o sucesso da invenção de John Dudley se alastrava, um pouco mais de três meses depois de seu lançamento cerca de 97% da população negra já havia sido “omegada” e uma previsão em que apenas em uma semana os últimos postos fechariam por falta de clientes. “Até Jim se omegara e o seu aspecto impressionava agora mais do que nunca. Tornara-se um admirável tipo de branco artificial, diverso dos brancos nativos, apenas pela grossura dos lábios, saliência zigomática e chateza do nariz.”. (LOBATO, 1926, p.159)

2.9 – Efeitos Colaterais

Na véspera da posse Jim Roy encontrava-se em casa quando um empregado avisa que tinha um homem branco esperando para falar com ele, era Kerlog, que se aproximando de Roy fala o seguinte: “Sim, o Presidente Kerlog, o branco que vem assassinar-te, Jim...”. (LOBATO, 1926, p.160) ele fica desorientado com essas palavras proferidas por seu adversário, o dialogo prossegue. “A raça branca não poderia prestar maior homenagem a raça negra do que elegendo para carrasco de Jim Roy tão nobre chefe. Que arma escolhe para a missão que traz, Presidente Kerlog? Veneno dos Borgias ou lâmina de aço?”. (LOBATO, 1926, p.161) O presidente responde “Arma pior, Jim. Trago na boca a palavra que mata...” (LOBATO, 1926, p.161)

Kerlog sobe o tom ameaçador “Não penetrarás na Casa Branca porque lá não cabe Sansão de cabelos cortados. Tua presidência seria inútil. Tudo é inútil quando o futuro já não existe.” (LOBATO, 1926, p.162) Jim Roy fica impaciente com esse tom misterioso de seu oponente e pergunta qual é essa palavra que iria mata-lo. “Tua raça morreu, Jim” (LOBATO, 1926, p.163) diz Kerlog e prossegue “Com a frieza implacável do Sangue que nada vê acima de si, o branco pôs um ponto final no negro da América.”. (LOBATO, 1926, p.163) Como em um estalo o líder negro se lembrou dos raios ômegas. Então Kerlog confirma às suas suspeitas “Os raios de John Dudley possuem virtude dupla... Ao mesmo tempo que alisam os cabelos... esterilizam o homem.” (LOBATO, 1926, p.163) Aproximando-se do líder negro que se encontrava em estado de choque e profere “Perdoa-me, Jim...”. (LOBATO, 1926, p.164)

O choque das raças foi evitado gerando assim uma vitória para a eugenia. No outro dia que deveria ser a posse de Jim Roy foi combinado um lançamento de uma nova boneca por parte do inventor Abbot, que dançava e serviria como uma distração e uma forma de evitar grandes conflitos. Nas primeiras horas da manhã foi radiada a notícia que Jim Roy havia morrido, a informação foi recebida com espanto por ambas as partes, mas com um posterior

alívio pra parte branca e um desalento para os negros. “Assim a população negra americana a partir do momento em que a morte de Jim Roy lhe arrancou o encéfalo. Agitava-se ainda, viva — mas perdera o órgão coordenador de movimentos para fins definidos.”. (LOBATO, 1926, p.167)

Ainda se mantinha em segredo os efeitos colaterais dos raios ômega, mas era possível notar a abrupta queda da taxa de natalidade negra, em cerca de um ano já havia uma queda de 97%. Logo foi impossível manter o segredo, então o presidente resolveu tornar oficial enradiando uma mensagem com o seguinte conteúdo:

O governo americano vem dar conta ao povo do golpe de força a que foi arrastado em cumprimento da suprema deliberação dos chefes da raça branca, reunidos em palácio no dia 7 de maio de 2228. Foi aprovada nessa assembleia a moção Leland, resumida nestas palavras:

A convenção da raça branca decide alterar a Lei Owen no sentido de incluir entre as taras que implicam a esterilização o pigmento negro camuflado... A raça branca autoriza o governo americano a lançar mãos dos recursos que julgar convenientes para a execução desta sentença suprema e inapelável. (LOBATO, 1926, p.168)

Algumas décadas mais tarde foi erguida um monumento em homenagem a John Dudley, que foi o responsável por resolver essa “dor de cabeça histórica”. Aqui Ayrton se mostra um pouco ambíguo em relação ao desfecho do choque das raças, mas logo se passa para aspecto da sua escrita do livro e depois o desfecho de seu amor platônico por Miss Jane que é finalizado com um beijo de cinema.

Diante desse final acabei por achar interessante retomar Hannah Arendt e a obra Eichemann em Jerusalém (1963), desta vez olhando mais atentamente para o capítulo VI chamado de “A Solução Final: Assassinato”, parte do comunicado que Reinhard Heydrich (1904-1942) fez a Eichemann em Berlim no ano 1941. Heydrich ficou encarregado de preparar a “Solução Final” para os judeus na Alemanha. Depois de uma introdução abordando a questão da emigração profere as seguintes palavras: “O *Führer* ordenou que os judeus fossem exterminados fisicamente”. (Heydrich apud Arendt, 2009 [1963],p. 98) O codinome para essa operação seria “Solução Final”.

Como colocado por Kemplerer em LTI, a linguagem é uma forma crucial para desenvolvimento do regime nazista. Assim para a manutenção desse plano secreto os membros nazistas estavam sujeitos a duras “regras de linguagem”. “(...)É raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como ‘extermínio’, ‘eliminação’ ou ‘assassinato’. Os codinomes prescritos para o assassinato eram ‘solução final’, ‘evacuação’ (*Aussiedlung*), e ‘tratamento especial’ (*Sonderbehandlung*)”. (Arendt, 2009 [1963]p.100). A autora comenta como essas “regras de linguagens” foram importantes para manutenção do controle em diversas esferas no comando nazista, e essas próprias normas era um codinome para inverdades.

A primeira câmara de gás foi construída em 1939, para cumprir um decreto de Hitler que dizia que “pessoas incuráveis devem receber uma morte misericordiosa.” (Hitler apud Arendt, p.124). Essa ideia de “morte misericordiosa” em um primeiro momento foi instituída para dar conta dos doentes mentais, entre 1939 e 1941 cerca de 50 mil alemães nessas condições foram mortos através de inalação de monóxidos de carbono em locais disfarçados como salas de banho, essa fórmula posteriormente foi adotado em Auschwitz.

Na trama escrita por Lobato os negros não foram assassinados, foram apenas “extintos” em decorrência dos efeitos colaterais dos “raios ômega”, de certa forma existe um cerne de pensamento semelhante com a forma de lidar com seus opositores, o uso da linguagem como forma importante de controle, expressos como “solução final” e “dor de cabeça histórica”, além do jogo de palavras, no método oculto em salas disfarçadas ou em um processo de alisamento capilar com efeitos colaterais disfarçado foram ardilosos planos para que se estabelecesse um ideal de raça pura.

Chegando ao fim do desenrolar do enredo tramado pelo renomado escritor Monteiro Lobato, foi possível notar a grande influência dessas teorias raciais que circulavam pelo Brasil, principalmente no período pós-abolição, visando dar conta desse novo cenário em que era necessário pensar o que fazer com essa “mão de obra” obsoleta de um sistema que entrou em colapso. Diante dessa situação havia duas correntes de pensamento que se destacavam, a primeira seria uma corrente do estilo segregacionista, essa que é defendida pelo autor e é o argumento principal que aparece na obra, que é a eugenia. Em contraposição a corrente defendida pelo autor estava a assimilacionista, que pregava a absorção do negro através de cruzamentos interracialis que os eliminaria com o passar das algumas gerações, tendo como princípio então a miscigenação. Feito essa contextualização, esse ideal de pureza de raça e darwinismo social são os principais pilares que constitui a obra. Obedecendo essa hierarquia racial, onde a miscigenação acaba por gerar indivíduos que carregam consigo o pior das duas raças, sendo que dos brancos seria a intelecto e a moralidade e dos negros seria a fisicalidade. Retomando Kemplerer e suas análises sobre a linguagem, de como palavras vão sendo ressignificadas e outras novas vão surgindo e de que forma isso vai se transfigurando em estereótipos. Como a repetição é parte crucial para o engendramento de pensamentos racistas e antisemitas. No capítulo V intitulado fragmentos do primeiro ano ele parte de como essa linguagem vai impactando a sua vida de maneira gradual. “O tema dominante no momento é o que se entende por ‘ariano’ e ‘não ariano’. Dava bem para criar um léxico dessa nova linguagem.” (KEMPLERER, 2009[1947],p.74) Para ser considerado ariano a pessoa devia ter

pelo menos 25% de “sangue ariano” que poderia ser comprovado por especialista em pesquisa racial. A censura logo foi percebida quando teve sua publicação em uma revista negada por “não incluía pontos de vista volkisch[raciais]” (KEMPLERER,2009[1947], p.79).

Características fenótipos negras são a todo tempo colocadas como marcadores negativos na obra, desde de “cabelos encarapilhados”, “nariz achatado”, o processo de “despigmentação” que além de características fenotípicas também carrega consigo o estigma da falta de moralidade, dos vícios e maus costumes que cercam a sociedade brasileira e americana. A sociedade pintada por Lobato no futuro só foi possível por fruto da segregação que foi implementada, o que possibilitou o estabelecimento do eugenismo, coisa que não seria possível no Brasil devido ao avançado estado da mestiçagem. “O Presidente Negro” é a crítica feita pelo autor pela política nacional ter rumado para a questão do branqueamento em vez da eugenia, pela assimilação em vez da segregação, para assim conseguir dá o próximo passo que seria a eliminação.

3 – Considerações Finais

Depois de passar pelo contexto histórico que o autor estava inserido, por sua biografia e finalmente sobre sua obra “O Presidente Negro” pude ter uma compreensão melhor de como se apresenta o pensamento racial do Monteiro Lobato e como isso é fator fundamental para o desenvolvimento de “O Presidente Negro” (1926). Os três fatores percorridos por mim anteriormente funcionam como uma simbiose, portanto de difícil desassociação, para compreender o caminho que o enredo segue até o seu desfecho. Como a principal base de estudos é a obra ficarei mais atrelado a ela, sempre fazendo conexões para uma melhor compreensão.

Em um primeiro momento é interessante observar a construção dos personagens principais. O primeiro a aparecer é o vendedor Ayrton Lobo que é um homem com estudos básicos, sem muito conhecimento do meio científico que por causa de um infortúnio acaba aos cuidados do professor Benson e seus empregados. É um personagem importante porque ele representa um senso comum, se não da sociedade brasileira como um todo pelo menos da sociedade fluminense. Ele atua como um contra ponto ao cientificismo de Miss Jane sempre argumentando através de seu pouco conhecimento vai entre o choque e a deslumbramento e no fim acaba se convertendo as maravilhas que o eugenismo pode proporcionar, e passa se irritar com a ignorância dos seus contemporâneos que não consegue vislumbrar pra catástrofe que a sociedade brasileira caminha.

O Professor Benson é envolto em mistérios do lado de fora dos muros de seu castelo, a única coisa que é de conhecimento público é que ele nunca perdeu nas bolsas de câmbios o que gerou a confabulação que de alguma maneira ele conseguia decifrar o futuro. Por toda sua vida se dedicou a concepção de uma máquina chamada *porviroscopio* que possibilitava a visão do futuro e também do passado, mas que com medo que sua descoberta fosse usada para o mau teve como ato final da sua a destruição da sua grande invenção.

Miss Jane perdeu a mãe muito cedo e cresceu nesse ambiente científico com o pai, se dedicando aos estudos dos cortes do futuro, é construída como uma personagem extremamente inteligente, tanto quanto seu pai. Ela compõe o enredo de forma oposta a do Ayrton, conduz sempre em seus argumentos experiências empíricas, ou pelo menos colocado dessa forma, já que ela é quem traz ao enredo a trama que se passa no futuro, dando muito do tom racial que se encontra na obra, justificando em diversas passagens atitudes tomadas baseadas pela eugenia que são radicais como um percurso necessário para a evolução humana. É por ela que Monteiro Lobato expressa mais fortemente suas concepções, o americanismo bastante presente e também as concepções raciais sendo assim uns dos personagens mais importante da trama.

A história se passa em dois contextos distintos, um se localiza no Brasil mais precisamente no Rio de Janeiro, onde se daria o presente da época da escrita da obra, nas primeiras décadas do século XX. Onde se concentram esses três personagens que citei. Através dos relatos de Miss Jane temos acesso ao outro contexto que se passa nos Estados Unidos no ano de 2222 que envolve a corrida presidencial, que tem um contexto onde as mulheres brancas romperam com os homens brancos com número de eleitores bem parecidos e o vencedor seria aquele que obtivesse o apoio dos negros se sagraria vencedor.

Voltando um pouco nessa dialética entre Ayrton e Miss Jane, ou senso comum *versus* cientificismo é bem ressaltada quando Jane pergunta a Ayrton suas impressões sobre a sociedade americana. Sua resposta foi de que era um povo materialista e sem ideais. A réplica de Miss Jane foi bem contundente, afirmando que era justamente ao contrário, que era o povo mais idealista do mundo, que possui um idealismo diferente dos latinos, um idealismo orgânico que é originário de seu “caráter racial”. Aqui mais uma vez se contrapõe a segregação existente nos E.U.A e a assimilação através da mestiçagem no Brasil, onde a eugenia foi um percurso natural dessa evolução.

Outro fator importante é que os primeiros aspectos raciais que aparecem na obra não são sobre negros e sim sobre asiáticos e como eles tinham “contaminado” toda a Europa com o “mongolismo” pelo fato de que comiam menos e se reproduziam mais. Posteriormente a mesma

lógica é aplicada aos negros com palavras diferentes, enquanto os negros primavam por quantidade, os brancos primavam por qualidade.

Kerlog era o atual presidente que tentava a reeleição e se via em meio a essa dupla ameaça. Ele representa o *status quo* branco e se vê ameaçado pelo avanço das mulheres em busca de igualdade. E também do crescimento da população negra que almeja a divisão do país. Seu plano originalmente consistia em uma aliança com os negros para a vitória nas eleições para depois expulsá-los do país. Tem ao seu lado ainda a convenção branca que consiste em um colegiado com líderes de diversos segmentos que se unem pra conspirar contra a democracia.

Miss Astor é a personagem que representa o partido feminino que inspirada por uma autora chamada Miss Elvin que escreveu uma obra consistia que as mulheres não eram fêmeas naturais dos homens, o que gerou uma ruptura e um embate pelos cargos de prestígios e pela presidência dos E.U.A. Com a derrota nas eleições acaba retomado aliança com os homens brancos aceitando o seu lugar secundário e rompendo com as ideias elvinistas.

Finalmente Jim Roy, o presidente negro, que é constituído como o grande líder negro que observando a ruptura que ocorreu entre os brancos como oportunidade de ascender ao poder e buscar uma reparação pelos séculos de sofrimento e segregação. Seu plano era dividir o país, mas acabou morrendo com a notícia com esterilização dos negros através do alisamento capilar promovido pelos raios ômegas.

Partindo agora para o desenvolvimento do enredo é notório que os três personagens se tratam de “tipos ideais”, usando aqui uma categoria weberiana, onde representam diferentes segmentos da sociedade de modo totalizante. Assim fazendo com que a história seja de melhor compreensão. Analisando o contexto de época essa obra teve um cunho político muito forte, ao nível de Jeca Tatu. Em “O Presidente Negro” tenta servir de endosso para a política eugenista fazendo uma crítica à política de miscigenação, são movimentos distintos, mas que se destinam ao mesmo fim, a eliminação dos negros, um por assimilação e outro pela expulsão/destruição.

A maneira que a história se desenrola no futuro com o “Brasis” que se desenvolvem em paralelo. Um pautado pela eugenia, chamado de “A Grande Republica do Paraná” que se desenvolveu a ser a segunda potência mundial contratava com o Brasil Tropical portador de todos os dilemas morais, do “jeitinho”, da corrupção, da malandragem que continuou sendo um país de “terceiro mundo”.

Outro aspecto interessante é o desenvolvimento da figura do negro, sempre de maneira genérica, visto que o único negro nomeável no enredo é o Jim Roy, porém sua construção é distinta dos outros por sua posição de liderança torna-se um aspecto de “quase branco”. Um ponto interessante a ser salientado é o processo de despigmentação dos negros, que é mais uma

arma utilizada pra fazer uma crítica a miscigenação, o que está colocado aí é que o “problema racial” vai muito além de uma questão estética, e por mais que se tentasse fazer uma aproximação um negro nunca deixaria de ser negro, como foi colocado na trama não é uma questão de cor e sim de sangue. Seguindo na trilha do darwinismo social e da eugenia.

Essa obra vai muito além de um romance, é uma propaganda política, traslar do ambiente acadêmico para o âmbito cultural na esteira da fama do escritor, como já coloquei algumas vezes nesse trabalho, principalmente no primeiro capítulo, onde possuí uma citação do médico Renato Kehl, uns dos principais expoentes da eugenia no Brasil, onde é possível notar um discurso bem alinhado, e que todo o enredo e o desfecho são pautados pra transformar a eugenia na política nacional que daria conta dessa “grande dor de cabeça histórica”.

No decorrer desse trabalho me propus a apontar como o racismo se apresenta na obra “O Presidente Negro” (1926) do renomado escritor Monteiro Lobato, ao entrar em contato com o romance pela primeira vez e me deparar de quanto explícito o teor racista se empregava na sua construção, como já foi colocado nos capítulos anteriores. Passei a me questionar o porquê da abstração desse aspecto na sua biografia. No excelente artigo “Monteiro Lobato e o Politicamente Correto” (2013) de autoria de João Feres Júnior, Leonardo Fernandes Nascimento e Zena Winona Eisenberg, o texto parte de uma denúncia recebida pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SERPPIR) feita em julho de 2010 por Antônio Gomes da Costa Neto onde questionava a utilização do livro *Caçadas de Pedrinho* pela Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal por conter estereótipos raciais. A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) produziu dois pareceres, o primeiro em setembro de 2010, que produziu diretrizes para lidar com esse tipo de obra, entre elas estão a capacitação dos professores para lidarem com esse tipo de material; que a Coordenação Geral de Material Didático do MEC regule a escolha dos livros para que eles não contenham teor preconceituosos, estereotipados e caso contenham esses aspectos a editora deveria ser notificada para que incluísse uma nota explicativa com críticas aos estereótipos na literatura.

Em outubro de 2010 já começaram a circular em diversos veículos de comunicação matérias sobre o parecer. “Tais matérias eram francamente contrárias ao parecer, acusando-o de censurar ou vetar a literatura e o próprio escritor Monteiro Lobato” (FERES JÚNIOR; FERNADES NASCIMENTO; WINONA EISEBERG, p.73, 2013). Por conta desse movimento midiático o primeiro parecer foi devolvido o CEB/CNE. Em junho de 2011 em desenvolvido um segundo parecer com um número maior de especialistas, mas a diretrizes se mantiveram mais ou menos com as mesmo normativas redigidas de uma maneira diferente para que se

esclarecesse que não era censura a autores como Lobato. Esforço que não foi muito bem sucedido visto que novamente repercutiu negativamente na mídia com a discussão sendo colocada mais vez uma no âmbito da “patrulha do politicamente correto”. A atitude de grande parte da mídia em esvaziar o debate colocando um rótulo pejorativo em cima de uma discussão de extrema importância responde em parte meus questionamento sobre abstração do seu pensamento racial. Em 26 de agosto de 2011 o segundo parecer foi homologado pelo MEC.

O parecer que indica o perigo de incentivar preconceito e pede a retirada do livro das escolas é um exemplo de leitura viciada pela ideologia, que perde em dimensão estética e humana para bater continência ao politicamente correto. Para a Abrale, o avaliador extrapolou seu papel, caracterizando um “policimento pedagógico e ideológico” (Werneck et alii, 30/10/2010).

Depois que Dilma Rousseff virou símbolo meteórico de afirmação feminina, ninguém mais segura os gigolôs da ideologia (Fiuza, 14/5/2011).

Reduzir um clássico da literatura a uma pinimba ideológica não é crime. Segundo os valores do Brasil de hoje, o que cada um faz ou pensa pode não ser tão importante quanto a cor da sua pele (Fiuza, 19/3/2011).

Isso é patrulha ideológica (Moreira, 28/2/2011). (FERES JÚNIOR; FERNADES NASCIMENTO; WINONA EISEBERG, p.77, 2013)

Creio que seja oportuno retomar um pouco o que foi dito por Schwartz no primeiro capítulo, quando a autora se utiliza do termo “racismo mestiço e cordial” do Florestan Fernandes pra falar do “preconceito de ter preconceito” que historicamente é cultivado no Brasil. O próprio título da sua obra já é bastante elucidativo “Usos e Abusos da Mestiçagem e da Raça no Brasil” porque o lema do país mestiço em grande parte dos casos é retomado pra relativizar ou descredibilizar acusações de racismo, como a que deu origem ao parecer de 2010/11. Como colocada nessa charge do cartunista Ziraldo em 2011:



Gravura do cartunista Ziraldo

Fonte: Dando milho aos pombos (2013)

1

¹ Disponível em:< <https://dandomilhoaospombos.wordpress.com/2013/05/27/monteiro-lobato-e-o-racismo-consciente/> > acesso em Agos. 2020.

De uma vez só ele consegue relativizar o racismo, violência contra animais e doméstica. Que são críticas levantadas a obras que circulam na cultura popular que anteriormente poderiam ser vistas como comuns no contexto nas quais foram escritas, mas que com o passar do tempo os códigos daquilo que são considerados aceitáveis vão se ressignificando, o que outrora era considerado comum passa a ser ofensivo e algo que já foi ofensivo passa a ser aceito. Diante do que já foi analisado na obra fica bem claro que o cartunista não possui conhecimento aprofundado das obras do escritor paulista, colocando-o ao lado de uma “mulata”. A própria corrente eugênica defendida por Lobato era comum nas primeiras décadas no século XX passou a ser criticada após a Segunda Guerra Mundial e o descobrimento do holocausto dos judeus. Até por isso autores como Hannah Arendt, Norbert Elias, Victor Klemperer dão um suporte muito importante ao trabalho por tratarem de estereótipos e como a linguagem é parte importante para a manutenção deles. Tomando esse aspecto é interessante dá uma retomada nas ideias do Klemperer por ter como objeto principal a linguagem, uma das coisas importantes é como ela “representa uma época”, “retrato de um tempo e de um país”, “o estilo do homem”. Em um país com 300 anos de escravidão, com uma abolição que ocorreu sem dar as devidas oportunidades de inserção aos ex-escravos e seus descendentes, que o racismo se desfez no momento em que a tinta tingiu o papel.

Como colocado por Schwartz é muito problemático abusar da mestiçagem para construir uma realidade que nunca existiu, como se por trás dela (mestiçagem) não houvesse violência, mortes, discriminação. A negação do racismo existente na obra de Monteiro Lobato fala mais do mundo que vivemos hoje do que do próprio autor. Colocá-lo como um “homem de sua época” ou colocar na conta do “politicamente correto”, “patrulha ideológica” não é muito diferente do ideário da “democracia racial” que muitas vezes se usa para afirmar que não existe racismo no Brasil.

Não é necessário que se junte toda produção de Monteiro Lobato em uma pilha e se atee fogo como acontece no futuro pintado por *Fahrenheit 451* (Ray Bradbury, 1953). O próprio parecer produzido em 2011 já é uma boa alternativa, porque ele propõe colocar uma discussão crítica em cima dessas obras com teor discriminatório que é extremamente importante para o combate ao racismo. De certo modo seria até poético Monteiro Lobato ajudar mesmo que de forma involuntária a desconstrução das ideias que o próprio autor defendia em vida. Um exemplo parecido com esse está sendo tomado pela Disney, que está colocando avisos antes da exibição de obras antigas com teor discriminatório:

Este conteúdo inclui representações negativas e/ou maus tratos de pessoas ou culturas. Esses estereótipos estavam errados na época e estão errados agora. Em vez de remover esse conteúdo, queremos reconhecer o impacto prejudicial, aprender com ele e iniciar

conversas para criarmos juntos um futuro mais inclusivo. A Disney está comprometida em criar histórias com temas inspiradores e ambiciosos que reflitam a rica diversidade da experiência humana em todo o mundo. Para saber mais sobre como as histórias impactaram a sociedade visite www.disney.com/StoriesMatters

Isso é um exemplo prático do que o parecer sugere, e está bem distante de uma censura, muito pelo contrário, estimula o debate e a reflexão de como obras fictícias carregam preconceitos que não eram assuntos problematizados na época de seu desenvolvimento e circulação, mas que continuaram a serem consumidas pelo público ao longo das décadas, muito similar ao que acontece com as obras de Monteiro Lobato. Essa etiqueta de “politicamente correto” colocado por “especialistas” fala mais de como nossa sociedade lida com o racismo hoje do que quando Lobato escrevia a obra em 1926.

Referências:

ARENDDT, Hannah. 2009 [1963/64]. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.

ARENDDT, Hannah. 1998 [1953]. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (O pensamento racial antes do racismo, p.188-214).

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Romeu e Julieta e a Origem do Estado in: BECKER, Howard; DE ALMEIDA, Alfredo Wagner; LEITE LOPES, José Sergio; SEERGER, Anthony; VELHO, Gilberto (org.) *Arte e Sociedade – Ensaaios de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1977.

BOURDIEU, Pierre. 1999 (1986). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos de abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora.

COUCEIRO, Luiz Alberto. *Feitiço na Carne: Acusações e Literatura no Império do Brasil*. In: DALBERT JR, Robert; SIMÕES DALBERT, Barbara (orgs.). *Nas Bolsas de Mandinga – Religiosidades Afro-Brasileiras em Narrativas Literárias*. Juiz de Fora. UFJF/MAMM. 2016.

DAVIS, Angela. 2016 (1981). **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo.

ELIAS, Norbert. 2001. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (VI. Notas sobre os judeus como participantes de uma relação estabelecidos-outsiders).

FERES JÚNIOR, João; FERNANDES NASCIMENTO, Leonardo; WINONA EISEBERG, Zena. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol 56, nº 1, 2013, p. 69-108.

FRY, Peter. 2001. “Feijoada e soul food 25 anos depois.” In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter & GOLDENBERG, Mirian (orgs.). *Fazendo antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, p.354.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. Jorge, Amado de Exu, e vice-versa. In: DALBERT JR, Robert; SIMÕES DALBERT, Barbara (orgs.). *Nas Bolsas de Mandinga – Religiosidades Afro-Brasileiras em Narrativas Literárias*. Juiz de Fora. UFJF/MAMM. 2016.

HANDERSON, Joseph. *Verbete: Racismo*. In: CAVALCANTI, Leonardo; BOTEGA, Túlio; TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Dina (orgs.). 2017. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. EdUnB.

KLEMPLERER, Victor. 2009 (1947). *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. São Paulo: Boitempo.

NEVES, Artur. Monteiro Lobato. Revista Fundamentos, Número de Homenagem a Monteiro Lobato, São Paulo, volumes 4/5, p. 266-287, Setembro/Outubro de 1948.

SAYAD, Abdelmalek. 1991. Uma pobreza “exótica”: a imigração argelina na França. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 17.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX. In: Salvador, Afro-Ásia, n. 18, 1996, p. 77-101.

SEYFERTH, Giralda. As Identidades dos Imigrantes e o *Melting Pot* Nacional. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 6, n.14, p.143-176, nov. 2000.

VIANNA, Adriana. 2014. Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais. In: CASTILHO, Sérgio Ricardo Rodrigues; SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; TEIXEIRA, Carla Costa (orgs.). Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações. Rio de Janeiro: Contra Capa, Fap

